

O REPÓRTER

CURSO DE JORNALISMO UNAERP

2º SEMESTRE 2020 EDIÇÃO 6



JOÃO ROSSI SE TRANSFORMA E DEIXA DE SER PERIFERIA

Criado como um conjunto habitacional e localizado em uma das áreas mais nobres da cidade, o próprio bairro se transformou. Aulas de basquete para crianças e adolescentes, comércio próprio em trailers que abrigam de padaria até barbearia, o Jardim João Rossi anda com as suas próprias pernas e enche se orgulho os seus moradores.

[Página 7](#)



CÓRREGO TANQUINHO SEGUE ABANDONADO

Negligenciada pelo poder público, a área que margeia o Córrego do Tanquinho, no Parque Bandeirantes, está abandonada. Os moradores, insatisfeitos com o descaso da prefeitura e das pessoas que passam por ali e jogam lixo, tentam melhorar o local. Alguns têm usados recursos próprios para tratar o terreno, mas pedem atenção, pois a situação fica cada vez pior. [Página 3](#)

HÁ 55 ANOS PROMOVENDO ALEGRIAS, ENCONTROS E LAZER

Criado 1965 como uma associação esportiva, o Ipanema Clube é um dos lugares mais tradicionais dos Campos Elíseos. O clube recebeu o nome da praia carioca por trazer o lazer e diversão como prioridades aos associados. Nesses novos tempos, a diretoria aproveita para fazer reformas e luta contra os impactos da pandemia. [Página 24](#)



CURSINHO POPULAR AUXILIA JOVENS EM SEUS SONHOS

O projeto NAV (Núcleo de Apoio ao Vestibulando) é um cursinho comunitário no bairro do Ipiranga. Totalmente gratuito, por meio dele centenas de alunos de baixa renda conseguem impulso para ingressar na universidade. As aulas acontecem na Paróquia São Pedro Apóstolo. O projeto foi idealizado para estimular o acesso de jovens ao ensino superior. [Página 17](#)

VÁRIOS IPIRANGAS ALI NO BARRACÃO DO ALTO

Conheça o dia-a-dia dos moradores do Ipiranga, um dos bairros mais antigos de Ribeirão Preto que começa na antiga estação Mogiana, onde chegavam imigrantes europeus. O Ipiranga hoje é um dos maiores bairros de Ribeirão, autossuficiente em serviços com um dos mais tradicionais comércios da cidade. [Página 9](#)

BEM-ESTAR E VIDA DIGNA SÃO DESEJOS DA REGIÃO

Em Sertãozinho, Jardinópolis e Monte Alto, ginásios, estádios e outras praças esportivas são referências de lazer para a população. Em Bady Bassitt, aposentado cria usina hidrelétrica dentro da própria casa; enquanto isso, em plena pandemia, bairro de Jaboticabal sofre com falta d'água. Já em Taquaritinga, São José do Rio Pardo e Cravinhos, histórias de vida, superação e reabilitação inspiram a comunidade.

[Leia nesta edição, notícias da comunidade regional](#)

UM ANO PARA FORTALECER O COLETIVO E A COMUNIDADE

O **REPÓRTER**, jornal laboratorial do curso de Jornalismo da Unaerp, trata de jornalismo comunitário, uma modalidade da imprensa que caiu em desuso, mas que o curso mantém para divulgar assuntos de interesse direto da comunidade.

Neste ano, em que mais que nunca, estamos sendo obrigados a rever nossos valores, o nosso sentido de solidariedade e respeito à coletividade ficou mais fortalecido. O **REPÓRTER** continua fazendo matérias comunitárias, entrevistando pessoas comuns, mostrando o dia a dia daqueles que sentem o resultado da política e da economia

diretamente no bolso, na qualidade de vida, na saúde e na educação.

As reportagens aqui publicadas revelam cidadãos que lutam em seus pequenos comércios, nas instituições, micro empresas, ONGs, em igrejas que dão um passo em prol do próximo. São jovens que recriam lugares e espaços públicos para lazer e entretenimento e bairros inteiros que se integram e, coletivamente, fazem transformações.

Devido à pandemia da Covid-19, O **REPÓRTER** foi elaborado por meio de tecnologias digitais. Os temas e reportagens foram levantados e produzidos pelos repórteres/alunos em seus bairros e cidades. Com isso, o jornal traz um mosaico muito amplo do que acontece em nossas vizinhanças, tanto aqui em Ribeirão Preto quanto na região.

Tenha uma boa leitura!

ONG FUNDADA POR AMIGOS ATUA NA PERIFERIA

GRUPO FAZ DISTRIBUIÇÃO DE CESTAS BÁSICAS E OUTROS RECURSOS A FAMÍLIAS CARENTES DE RIBEIRÃO PRETO

LÍVIA MACARIO

O projeto comunitário realizado pela ONG Amigos que Fazem o Bem distribui cestas básicas e outros materiais para comunidades carentes de Ribeirão Preto. Localizada no bairro Iguatemi, próximo a Avenida Castelo Branco, a instituição trabalha com doações de alimentos, dietas diferenciadas, roupas, fraldas e remédios para famílias carentes, idosos e doentes que dependem desses benefícios em diferentes bairros da cidade. Para que a distribuição seja feita de forma eficiente, existe uma triagem prévia, onde um voluntário, mensalmente, vai até à casa de quem está solicitando ajuda para coletar informações sobre a família, o idoso ou o doente que necessitam do benefício. A criação da ONG foi liderada Vanda Pereira, que coordena a Organização.

Em outubro de 2017, ela reuniu um grupo de amigos que começou montando e distribuindo dez cestas básicas. Atualmente, eles distribuem cerca de 200 cestas por mês, além das que recebem já montadas, totalizando de 250 a 270 unidades. Para se voluntariar e fazer parte da equipe, basta entrar em contato pelo telefone (16) 99253-1252.

EXPEDIENTE

O Repórter é o jornal laboratorial comunitário publicado pelo curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto e desenvolvido nas disciplinas Produção e Edição em Jornalismo II, Design Gráfico e Fotografia, na 4ª Etapa do curso.

UNAERP – UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
Reitora: Prof^a Elmaria Lucia de Oliveira Bonini
COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO
Prof. Geraldo José Santiago

EDIÇÃO: Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

DESIGN GRÁFICO: Prof. João Flávio Almeida

EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA: Prof. Cesar Mulati

REPORTAGEM E FOTOGRAFIA:

Ana Clara de Albuquerque, André Bettarello, Bruno Cesar, Cárila Covas, Daiane Marcolino, Enrico Molina, Ermaiê Menezes, Gabriel Idalgo, Gabriel Marcelino, Geovanni Henrique, Guilherme Kanamori, Henrique Escher, Isabella Vidotto, Isabella Bianchi, João Gabriel Pala, Juliana Rodrigues, Larissa Fernandes, Laura de Oliveira, Lidia Mattos, Lívia Macario, Liz Velocci, Luís Henrique Santana, Marina Parada, Marissa Mendonça, Matheus Miletta, Michael Borges, Miguel Mathias, Paulo Nascimento, Pedro Ferro, Victor Fernandes, Vinicius Botelho

ORGANIZAÇÃO DO SÉCULO XVII NO JARDIM IRAJÁ

MOVIMENTO MÍSTICO-FILOSÓFICO, O ROSACRUZ ESTÁ NO JARDIM IRAJÁ DESDE OS ANOS 1980

ANA CLARA ALBUQUERQUE

A bela construção, que desperta a curiosidade dos que a avistam, guarda entre suas paredes rituais e uma história que se tornou pública no século XVII, em Paris. Nas ruas da capital francesa, manifestos escritos despertavam curiosidade. Uma organização misteriosa denominada Rosacruz divulgava ter como objetivo o despertar do potencial interior desenvolvendo-o em espírito e fraternidade, sempre respeitando a liberdade individual. Os rosacruzes estavam em todos os cantos, porém, até então, ninguém os conhecia

Em Ribeirão Preto, na rua Thomaz Nogueira Gaia, 1491, no Jardim Irajá fica a sede da organização na cidade. Com muros em cor de rosa claro, um grande templo inspirado nos egípcios – assim como os ensinamentos também são – com esfinges na parte frontal, a sede realça seu poder e chama a atenção dos que passam por ali.

O Jardim Irajá começou a se desenvolver com a doação de lotes pela prefeitura, com o objetivo de desbravar e povoar aquela nova parte da cidade. Algumas organizações ganharam também um terreno para iniciar seus trabalhos e o Rosacruz foi uma das contempladas, no dia 3 de agosto de 1981, quando o então prefeito Antonio Duarte Nogueira, pai do atual prefeito Nogueira, publicou a Lei Municipal que doou o

terreno. Começava ali a construção do templo que com muito trabalho foi sacramentado. A jornalista e ex-rosacruz, Sandra Bianchi, conta suas lembranças da época, quando acompanhava o empenho de seu pai, um dos quinze fundadores que lutaram pela obtenção do terreno e construção do Templo.

Com comemorações que trazem lembranças do passado, a Ordem realiza a Cerimônia In Memoriam, anual, para celebrar a construção da Grande Pirâmide de Quéops, no Egito, que é considerada uma das sete maravilhas do mundo. A celebração é feita no equinócio da primavera e os não-rosacruzes podem participar e homenagear a tradição Rosacruz através das épocas. Também são realizadas Cerimônias de Casamento Rosacruz, Aposição de Nome e Rituais Fúnebres Rosacruz, além de meditações e palestras – que visam desenvolver e transmitir conhecimentos sobre o universo, o ser humano e a vida.

O Grande Conselheiro da Ordem Rosacruz, AMORC, da Região SP4, Marco Antonio Batista, informa que todos que quiserem participar como membros podem entrar em contato através de organismos afiliados, ou ainda, pelo site www.amorc.org.br, que contém as informações para que os interessados a se tornem estudantes rosacruzes e, assim, possam realizar estudos individuais.

CÓRREGO TANQUINHO ESTÁ ABANDONADO

O CÓRREGO E A ÁREA VERDE QUE O MARGEIA PODERIAM SER URBANIZADOS, REDUZIR OS RISCOS E TER MELHOR USO PARA POPULAÇÃO

ANDRÉ BETTARELLO

O Córrego do Tanquinho e a área a sua volta no bairro Parque Bandeirantes, Zona Leste de Ribeirão Preto, estão abandonados. Depósito de lixo e descartes de entulhos, mato alto, insetos e riscos de animais peçonhentos levaram o local à depredação. Resta uma passagem entre o final da rua Afonso Schmidt e a estrada Catarina Belesi Vendruscolo que ainda é usada para cortar caminho em direção à avenida Bananal.

Segundo informações da Secretaria da Fazenda, a área é de domínio público, mas parte é destinada à preservação ambiental. São as denominadas Áreas de Preservação Permanente, ou APPs. De acordo com as normas governamentais, uma APP deve ter ao menos 30 metros no entorno do leito do córrego livres de qualquer presença humana que, por si só, já degrada o ambiente. A arquiteta e urbanista Paula Kobori comenta que na área não existe preservação mais. “Infelizmente o córrego do Tanquinho é utilizado para descarregar detritos das áreas que têm habitações. Já não há aquela preservação ideal”, diz.

A moradora da rua Afonso Schmidt, Eugislania Maria Rodrigues Bacurau, utiliza a passagem quatro vezes ao dia, a caminho do trabalho, para ir e voltar no seu horário de almoço e na volta para casa no final do dia. “Eu já vi pessoas pararem o carro e jogarem os sacos de lixo [no córrego], ou às vezes de dentro do carro mesmo. E aquele lixo fica ali nos obrigando a passar por cima porque não tem como desviar”, diz.

Eugislania conta que passar na estrada é complicado, principalmente em dias de chuva, quando os detritos ficam flutuando em meio a enxurrada. Ela reconhece a situação de abandono e descaço do poder público com a população e dá sugestões de melhorias que poderiam ser feitas. “Pra mim, que passo ali todos os dias, seria interessante uma calçada e uma melhor iluminação”, sugere.

Alguns moradores já estão engajados em aproveitar a área, como Sergio Roberto da Silva, responsável pelo plantio e manutenção das árvores e plantas na área do córrego. Ele e alguns voluntários limpam a área, aplicam herbicidas, capinam e há algum tempo têm feito o plantio de frutíferas. Silva também implementou um sistema de irrigação por gotejamento.



O técnico agrícola buscou ajuda na Prefeitura e na Câmara Municipal. “Eu me sinto frustrado; quando procuramos [os políticos] para fazer alguma coisa é sempre muito complicado e difícil”, diz. Ele fez todo o trabalho com recursos próprios e, ao todo, calcula já ter gasto mais de R\$800 com a área.

PROJETO PARA A ÁREA

Sergio Roberto conta também que o intuito inicial era regularizar o espaço, fazer uma praça e colocar aparelhos de academia, mas seus planos foram frustrados quando recebeu a informação de uma parte da área nas margens do rio é intocável por ser de Preservação Permanente.

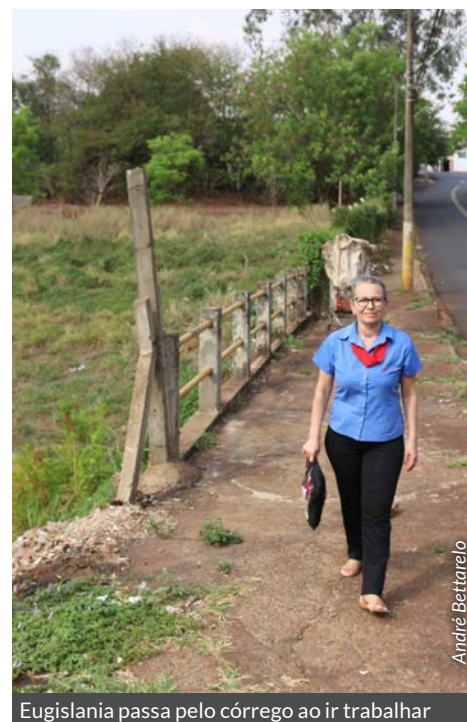
Paula Kobori, arquiteta perita em edificações pelo IPOG, sugere uma orla de caminhada nos arredores do rio, que, em sua opinião, é mais utilizável que uma praça pela extensão e tendência crescente de hábitos fitness de caminhadas e corridas longas. “É uma coisa que Ribeirão Preto pouco faz. Aqui são feitas mais praças e essas praças nem sempre são locais que as pessoas utilizam”.

Hoje, um projeto dessa proporção seria inviável para a Prefeitura. “É uma obra longa de grande porte e tudo que envolve obras públicas, dentro do processo administrativo, demora pelo menos dois anos para sair do papel”, explica a arquiteta. O que ela sugere é o anexo de um projeto de orla ecológica junto a uma diretriz viária. Existe um projeto de avenida para o entorno do córrego do Tanquinho, que terá cerca de 10 quilômetros e já está com plano funcional de engenharia realizado.

O córrego do Tanquinho é um corpo hídrico de aproximadamente sete quilômetros que tem sua nascente na

divisa dos bairros Lagoinha e Jd. Zara, depois serpenteia por vários bairros, entre eles o Castelo Branco Novo, Jd. Anhanguera, Parque Bandeirantes, Jd. Paulistano, Educandário, Vila Tamarandá, Jd. Independência, Campos Elíseos e Vila Mariana.

Entre 2007 e 2008 foram instalados interceptores de esgoto na margem esquerda do córrego, totalizando 6,8 km. Os interceptores são canalizações para receber o fluxo de esgoto dos coletores do rio. Essa obra possibilitou a coleta e encaminhamento dos efluentes para a Estação de Tratamento, eliminando vazamentos de esgoto no curso d'água. Posteriormente, em 2016 e 2017, outros 5,8 quilômetros de interceptores foram instalados na margem direita do córrego.



NA AMÉRICO BATISTA, CHUVA É SINAL DE PROBLEMA

“FOGÃO DE SEIS BOCAS EU JÁ PERDI CINCO; GELADEIRA FORAM DUAS”, DIZ MORADOR DO JARDIM PROCÓPIO

LAURA OLIVEIRA

Enquanto em muitas casas, a consequência da frase “tá chovendo” é correr e recolher a roupa do varal, em um trecho do Jardim Procópio o mais comum a se ouvir é “levanta o sofá pra não molhar”. O bairro Jardim Procópio de Araújo Ferraz, em Ribeirão Preto, é um dos muitos que sofre com os problemas das enxurradas, geralmente ocasionadas pelo mau planejamento da drenagem da água das chuvas. Os moradores da avenida Coronel Américo Batista, entre as ruas Carmosino Borges e João Mataraiá, próximas ao Parque Tom Jobim, são os mais prejudicados pela força da água.

O vidraceiro Artur Aparecido Valfuogo, de 72 anos, morador do local, conta que as enxurradas acontecem há mais de 20 anos, desde a criação do bairro Parque das Figueiras. “Fogão de seis boca eu já perdi cinco; geladeira eu perdi duas; móveis, não tem conta”, relata. Na fachada de sua casa, é impossível não notar uma enorme barreira, construída há 18 anos, para impedir as águas da chuva. Segundo o morador, há no mínimo três enxurradas por ano.

Para João Batista Dias, outro residente da avenida, a situação também é grave e chegou a oferecer sério trauma.



Enxurradas invadem casas no bairro Jardim Procópio, há mais de 20 anos

Créditos

Sua esposa, Maria José, foi arrastada pela correnteza por cerca de 150 metros, até ao parque Tom Jobim. O casal mora em um sobrado e por isso não se queixa de perdas materiais, porém os riscos de vida são grandes.

O gerenciamento das águas da chuva, é de vital importância no planejamento das cidades, pois a má administração das águas pluviais pode gerar transtornos como enxurradas. Com algumas pequenas práticas, as consequências nocivas das fortes chuvas podem ser amenizadas.

A mestra em Engenharia Urbana, Aline Branco de Miranda Lázari, explica que a quantidade de água da chuva joga-

da na sarjeta pelas casas é um agravante das enxurradas. Esse volume pode ser diminuído com a reserva de uma parte do terreno para a criação de jardins. Com isso, a quantidade de água da chuva que vai para a rua diminui, pois será absorvida pelo solo, ainda dentro dos terrenos das casas. Consequentemente reduzirá o volume de enxurradas.

A competência número seis da Secretaria de Infraestrutura do município de Ribeirão Preto diz que é dever desse órgão público gerenciar a execução de serviços de drenagem de águas pluviais, mas nem mesmo retorno à demanda desta reportagem, até o fechamento da edição, a Secretaria deu.

OBRA PÚBLICA CRIA RISCO AMBIENTAL

AMPLIAÇÃO DA AV. CORONEL FERREIRA LEITE, INAUGURADA EM JUNHO, DESRESPEITA RELATÓRIO TÉCNICO

ENRICO MOLINA

A expansão de 1,3 km entre as avenidas Braz Olaia Acosta, no Jardim Califórnia e Caramuru, no início da Vila Virgínia, envolveu 46 desapropriações, a transposição do córrego Califórnia e a pavimentação de 29 mil metros quadrados, fazendo do projeto uma obra com alto impacto ambiental. O empreendimento, previsto no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento da Secretaria Municipal de Obras Públicas de Ribeirão Preto, deveria atender às necessidades especiais de mitigação dos impactos ambientais e realizar as medidas compensatórias dentro dos padrões estabelecidos no Plano de Controle Ambiental (PCA), contidas no Relatório de Risco Ambiental (RARAM) emitido pela MDM Engenharia LTDA em 2012, documento que detalha as questões técnicas e ambientais envolvendo a ampliação.

Os impactos ambientais mais significativos, segundo o relatório, estão relacionados às obras de terraplanagem e a necessidade de canalização do córre-

go. O documento estabelece a adoção do modelo de drenagem especificado pelo Plano de Macrodrenagem do Município, com muros de gabião (pedras sobrepostas, amarradas) em detrimento do Plano de Projeto Básico que utilizaria o concreto armado, uma vez que sua impermeabilidade pode afetar diretamente o fluxo do canal. Desde a inauguração, porém, a transposição foi feita com muros de concreto.

No dia 5 de maio, um requerimento na Câmara Municipal de Ribeirão solicitou da prefeitura informações a respeito da obra e questionou sobre a

utilização de estruturas de concreto, ignorando a recomendação para utilização de gabiões para drenagem e amortecimento da vazão da água como medida mitigatória. Na resposta ao requerimento, em 4 de junho, a Secretaria Municipal de Obras relatou seguir as diretrizes da Secretaria de Planejamento e da Secretaria de Meio Ambiente. Junto, encaminhou à Câmara, a Licença Municipal Ambiental assinada pela secretária do Meio Ambiente que relata exigências técnicas para realização da obra sem detalhar os requisitos contidos no Relatório de Risco Ambiental.



A obra foi executada e inaugurada com muros de concreto e sem a ciclofaixa prevista no projeto

Enrico Molina

DIFERENTES REALIDADES NA UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS

EM LADOS OPOSTOS DA CIDADE, PRAÇAS EVIDENCIAM O DESEQUILÍBRIO SOCIAL E DESCASO DO PODER PÚBLICO



Lazer para família e brinquedos acessíveis a crianças com deficiência na Praça da Bicicleta

DAIANE MARCOLINO

O programa “Adote uma Praça” faz parte do Projeto Verde Cidade, dirigido pela Coordenadoria de Limpeza Urbana. O objetivo é aumentar as áreas verdes de preservação na cidade. Segundo informação da própria Coordenadoria, “cerca de vinte praças são contempladas pelo programa” e estão localizadas principalmente na Zona Sul. Os locais são escolhidos pelas próprias empresas, “sem indicação do poder público”. A Praça da Bicicleta, localizada próxima à avenida João Fiúsa é um dos locais que participam do projeto, tendo sido adotada por uma grande empresa de construção civil.

Segundo o diretor comercial da construtora, José Camarero Neto, a escolha da praça partiu de “uma solicitação de ajuda do poder público”. Com

playground para crianças, pet play (recreação para cachorros) e brinquedos acessíveis para deficientes, o amplo espaço, que era vazio e sem reparos, tornou-se um ponto de lazer para famílias. A reforma se estendeu a outros aspectos, como a colocação de grama nova, guias reformadas, bancos e lixeiras renovadas. A reinauguração aconteceu em junho de 2018.

Bem cuidada e equipada, a Praça da Bicicleta está sempre cheia de frequentadores. Alguns gostam de fazer exercícios, outros trazem as crianças para brincar e muitos comparecem para comer nos mais variados food trucks que ficam ao redor. Uma moradora do bairro Lagoinha, que preferiu não se identificar, conta que sai de sua casa para caminhar na praça. “É muito tranquilo, gostoso e me distrai ver tantas pessoas rindo e brincando”.

A Praça conta uma equipe de manutenção. “Somos responsáveis por todos os equipamentos que instalamos, pela poda da grama e manutenções gerais”, diz Camarero Neto. A prefeitura é responsável pela coleta de lixo, fiscalização, limpeza geral de folhas caídas e poda das árvores.

OUTRA REALIDADE

Do outro lado da cidade, no Marincek, localizado na Zona da Norte, os moradores, cuidam de seus próprios espaços livres. Na rua Ludovico Bestetti, a área em frente às moradias era apenas mato, que estava ficando cada vez mais alto. Foi quando Osmar Filippin, morador do bairro, começou a cuidar do espaço, retirando toda a braquiária que invadia o terreno e plantando grama no lugar. “Sempre tive vontade de ter uma área

bonita e fazer algo bom”, diz o morador. Quando ganhou uma muda de tamarindo, seguiu a ideia de uma das vizinhas, resolveu plantar a árvore no centro e fazer uma passagem em volta, criando um cimentado para as pessoas aproveitarem a sombra e as crianças circularem de bicicleta com mais segurança.

Em 2010, depois da aposentadoria, decidiu dedicar o tempo livre para cuidar do espaço. A manutenção era realizada com sua enxada, mas com o tempo precisou comprar uma máquina, pois desenvolveu artrose no braço esquerdo e não aguentava fazer o serviço. “Tentei rastelar, mas doeu demais. Tive que ir pro hospital”. Todo o investimento saiu de seu próprio bolso. “Ninguém me ajudou com nada”.

Osmar conta que nunca pode contar com a Prefeitura ou com a Câmara Municipal. Um dos vereadores, na época, fez uma visita ao espaço e o morador pediu que conseguisse um pouco de terra para fortalecer o tronco das árvores, mas não foi possível. “É muito difícil conseguir qualquer ajuda”, diz. Sua esposa, Maria do Socorro, completa que a única coisa que falta é uma academia ao ar livre. “Seria uma distração para nós, a gente cuidaria com muito carinho”.

Atualmente o espaço é cheio de árvores frutíferas. Tem jaca, amora, manga, graviola e muito mais. “Se eu não tivesse feito isso, até hoje teria só mato”, diz Filippin. O único ponto em comum com a praça da Bicicleta é a poda da grama. Ambos os zeladores afirmam que esse serviço é realizado mensalmente, mas em época de chuva deve ser feito mais vezes.



Filippin compra equipamentos com seu dinheiro



Área verde foi feita e é cuidada pelos moradores

AVENIDA CASTELO BRANCO É HOSTIL PARA PEDESTRES

OBRAS PROCURAM SOLUCIONAR A FALTA DE ACESSIBILIDADE PARA MORADORES DA REGIÃO

VICTOR FERNANDES

Maior cidade e sede da região administrativa e metropolitana, considerada a mais desenvolvida, com uma das rendas per capita mais altas do Brasil, títulos como Capital da Cultura e sede nacional do agronegócio, Ribeirão Preto também tem fama pelas rodovias que a circundam e por comportar o maior trevo rodoviário do país, o Trevão. Ainda assim, suas ruas e avenidas facilitam a mobilidade dos motoristas e dificultam o trânsito de pedestres.

O entorno da avenida Castelo Branco, na região leste, comprova que a cidade é hostil para pedestres, especialmente idosos, crianças, portadores de deficiências, grávidas e mães com bebês no colo. De acordo com dados da Transerp de 2019, o número de mortes de pedestres ficou em segundo lugar entre os acidentes, com dez vítimas fatais, atrás apenas dos motociclistas com 26 óbitos. Dos 2.708 acidentes com vítima registrados no ano passado, 158 foram de atropelamento. Esses números mostram a vulnerabilidade dos pedestres nas vias da cidade.

Um exemplo do problema são os entornos da avenida Presidente Castelo Branco, com 2,9 km e apenas três passarelas distantes uma da outra, os pedestres são obrigados a disputar os acessos a ambos os lados da avenida, com carros, caminhões, ônibus e motos. Além de ter ao longo de seu percurso três rotatórias movimentadas que fazem a ligação com outras importantes vias da cidade.

Uma delas é a avenida Leão XIII na qual, de acordo com moradores locais e pessoas que a utilizam diariamente, é desfalçada em calçamento, faixas de segurança e sinalização por parte dos motoristas que passam pela rotatória, além de não respeitarem as faixas de pedestres e avisos de “PARE” pintados no asfalto.



Motoristas param em cima da faixa, atrapalhando passagem de pedestres

MORADORES SE QUEIXAM

Dona Helena, que preferiu se identificar apenas com seu primeiro nome, tem 72 anos de idade, é moradora da região, no bairro Iguatemi, localizado ao lado da avenida. Ela relata que chega a esperar até 20 minutos para atravessar a avenida em horários de pico.

As passarelas de pedestres que ligam um lado ao outro da Castelo Branco e que poderiam amenizar os riscos não atendem aos moradores, devido à distância em que estão instaladas, longe das rotatórias e dos principais pontos de comércio. “Se eu for seguir pelo caminho mais seguro para ir ao mercado, eu gasto no mínimo uns 20 minutos a mais”, diz Joel de Souza Campos, aposentado de 62 anos, morador da região.

Com isso, quem mora do lado direito da avenida, no sentido para São Paulo, tem acesso restrito a bancos, supermercados e outros comércios que ficam do lado esquerdo da Castelo Branco. Campos conta que fazer uma simples caminhada se torna uma tarefa complicada no entorno da Avenida. “Eu tenho 62, é difícil, mas eu ainda aguento fugir dos carros”.

Além dos moradores da região, a avenida concentra uma quantidade de transeuntes residentes em cidades vi-

zinhas e que diariamente vêm trabalhar. Os diversos pontos de ônibus para quem chega na cidade, localizados nessa que é uma das principais vias de acesso a Ribeirão, concentram dezenas de trabalhadores, especialmente em horários de pico. A dificuldade de locomoção, principalmente no final do expediente, é visível.

Para o engenheiro civil, doutor em Engenharia de Transportes e coordenador do curso de Engenharia Civil na Unaerp, Mateus Araújo e Silva, o projeto original de construção da avenida Castelo Branco não podia prever os problemas para os pedestres de hoje. “Acredito que num projeto de 30, 40 anos atrás, os projetistas pensaram que não haveria tanto pedestre como há hoje. Então foi pensado mais como dispositivo de rotatória.”

NOVO PROJETO

Após anos de dificuldades para transitar na via, o local recebeu recentemente obras de semaforização, que consiste na instalação de semáforos no entorno da rotatória. Ainda é cedo para dizer se essas instalações resolverão o problema da mobilidade de pedestres na região, mas segundo Araújo, “a solução de engenharia proposta para ela foi uma análise da relação custo e benefício. Seria a melhor alternativa agora”.

O engenheiro também cita uma publicação de um órgão de segurança viária dos Estados Unidos, informando que o semáforo junto a faixa de pedestre podem reduzir mais 94% a probabilidade de ocorrência de acidentes, podendo ser mais eficaz até do que as passarelas, pois segundo Araújo, o custo da obra passaria dos milhões de reais. Portanto, é mais econômica e eficiente a aplicação de semáforos no local.



Faixa de pedestre em rotatória que liga importantes vias da cidade tem movimento intenso

JOÃO ROSSI MUDOU A REALIDADE DA PERIFERIA

O ANTIGO CONJUNTO HABITACIONAL PRECISOU DE INICIATIVA DOS PRÓPRIOS MORADORES PARA CONSEGUIR MELHORIAS

MICHAEL BORGES

O bairro Jardim João Rossi, criado como um conjunto habitacional na década de 1990, fica localizado em uma das regiões mais nobres de Ribeirão Preto. Na época de sua construção, era periferia, estando numa área ainda com pouca ocupação urbana. Hoje, seu entorno é um dos setores mais valorizados na Zona Sul da cidade e o bairro, com maioria de moradores de baixa renda, anda com as suas próprias pernas.

Sem ajuda da Prefeitura, os moradores precisaram se organizar para beneficiar a própria comunidade. Discriminado, há quem o defenda com unhas e dentes. “O bairro não é mais periferia, antes as pessoas não tinham boas condições de vida. Hoje nós temos”, afirma André Luis de Jesus, morador, conhecido por todos como Andrezão. Professor e técnico esportivo, ele ministra aulas de basquete e de exercícios físicos no bairro, de forma totalmente gratuita.

As aulas acontecem em uma quadra localizada entre os vários condomínios que compõem o João Rossi. Quando foi entregue pela Prefeitura junto com o conjunto habitacional, a quadra não tinha nenhum recurso e ficou anos abandonada. Andrezão, que chegou no bairro há nove anos, conheceu o local ao passear com a filha. Observou a sujeira, o mau cheiro e os usuários de drogas que transitavam pelo lugar. A ideia de fazer algo para a mudar a realidade das crianças e jovens, partiu de sua filha. Mariah Luiza, 15 anos, conta que estudava no bairro e via que seus amigos já tinham irmãos presos. “Eles também já estavam se metendo com coisas ‘erradas’. Como meu pai é professor, eu falei para ele dar aulas de basquete”.

NASCIMENTO DO PROJETO

O intuito era dar aulas como forma de distração, porém a iniciativa acabou se tornando um projeto social que funcionou por mais de cinco anos e foi paralisado somente devido à pandemia. Mais de 450 jovens do bairro já tiveram aulas de basquete, que são ministradas para crianças e adolescentes de 8 a 16 anos.

Andrezão é ex-jogador profissional e tem vasta experiência na área, mas precisou se desdobrar para o projeto sair do papel. “Ele começou com uma bola, tirava dinheiro de casa e foi comprando tudo do bolso dele”, conta a esposa Carmen Cecilia e também uma de suas alunas. Sem nenhuma ajuda de órgãos públicos, o professor se orgulha da conquista. “Aqui na quadra era um ponto



Andréia assa pães quentinhos a toda hora



O 'trailer-barbearia' de José Eduardo

de tráfico, comecei o projeto de basquete e a realidade mudou. Hoje ninguém consome e nem vende nada ilícito aqui. Meu objetivo é dar uma outra opção para os jovens, tendo o esporte como educação”, declara.

Graças ao projeto, muitas crianças trilharam outros caminhos. Alguns alunos já estão jogando profissionalmente, e sua filha Mariah, inclusive, é um exemplo disso. Ela joga basquete profissional em um time de outra cidade e virou um orgulho para família. “Eu tenho alunos que foram para fora do país. Minha filha saiu daqui e hoje é uma das melhores jogadoras do Brasil”, exalta.

TEM TUDO NOS TRAILERS

Caracterizado por prédios de pequeno porte agrupados em vários condomínios, o bairro é totalmente vertical e se viu sem espaço para construções comerciais. Os moradores encontraram como solução o uso de trailers onde funcionam de lanchonete a barbearia. “Antes, se a gente quisesse comprar alguma coisa tinha que ir ao centro da cidade. Não tínhamos fácil acesso”, afirma Andreia Moreira, moradora há mais de 20 anos e dona de um ‘trailer-padaria’. Além de assar pães a toda hora, seus clientes com-

pram outros alimentos e produtos como de limpeza e higiene, por exemplo.

Quase tudo que se encontra em um shopping ou supermercado é possível encontrar, de forma mais modesta, no comércio próprio. José Eduardo Santos, dono de um ‘trailer-barbearia’, recebe clientes também de outros bairros. Integrante da Associação dos Moradores, o barbeiro conta que a busca por melhorias no bairro não para. “Faz mais de 20 anos que eu moro aqui e somos nós que precisamos ir atrás de tudo, senão nada acontece”. Para a Associação, o próximo passo é fazer o terreno onde fica a quadra virar uma praça. Com a planta pronta, só faltam as licitações.

Outra iniciativa dos moradores são as festas e doações de brinquedos para as crianças em datas comemorativas, que acontecem com ajuda da própria comunidade. Hoje, a Associação tem um forte peso. Fundada juntamente com o conjunto habitacional, passou um tempo sem muitas ações, mudou de diretoria e está buscando novas melhorias. Recentemente realizou a pintura da quadra, a reforma dos banheiros e quer mais para o futuro.



O bairro conta com aulas gratuitas de basquete para crianças e adolescentes

NEM PANDEMIA SEGURA O JARDIM ANTÁRTICA

PARTE DO COMÉRCIO DO BAIRRO LUTA PARA SE MANTER ABERTO, MAS MERCEARIAS PROSPERAM

GUILHERME KANAMORI e
PEDRO FERRO

O Jardim Antártica é um bairro familiar vivo e cobijado, com grande movimento estudantil em Ribeirão Preto, já que fica próximo à USP e à Rodovia Bandeirantes. Mas não só isso. Ele é composto por bares, cabeleireiros, papelarias, padarias, entre outros, e conta com moradores que privilegiam o comércio local. Os estudantes ajudam, mas os moradores tradicionais são a base do movimento comercial.

Ainda assim, a quarentena afetou alguns setores e revelou contradições. Quase levou alguns à falência e para outros, trouxe momentos prósperos. As histórias são contadas sempre com muito orgulho e defesa do próprio negócio. Como Marcão, dono do bar que leva seu nome e fica em uma charmosa esquina do bairro. O bar foi fundado pelo seu pai em 1972 como mercearia. Em 1984, Marcão se juntou ao negócio. A pequena mercearia se tornou lanchonete a partir de um lanche familiar, em uma pacata tarde de domingo.

“Em 94, eu e minha mulher levamos uma churrasqueira para fazermos um lanche. Como não cabia aqui dentro, deixamos em frente e ficamos fazendo o lanche lá. As pessoas olhavam curiosas, perguntando quanto era o lanche. Era só uma brincadeira, sabe? Era pra ser apenas um lanche pra gente e aquilo mudou todo nosso comércio. Bendito lanche!”

“Começamos aos poucos vendendo naquela churrasqueira mesmo e um tempo depois trocamos por uma maior e transformamos o local em lanchonete”. O que começou como uma brincadeira em 1994, se manteve até os dias atuais. Porém, o Bar do Marcão sofre com a pandemia. Antes responsável por um dos locais mais movimentados do bairro como point para happy hour de moradores locais e estudantes, o proprietário se viu tendo que repensar sua estratégia de sobrevivência.



Um lanche familiar “salvou” o Bar do Marcão



Mercearia Dassie passa de pai para filho desde 1975

“Perdi 80% dos lucros e estou há meses sem pagar minhas contas. Estou me virando com o delivery, mas também asso pão de manhã, voltando às raízes de mercearia. Não tá fácil!” Na fase amarela da quarentena, Marcão voltou a funcionar também como bar, mas não é a mesma coisa. “Algumas pessoas vêm, mas o movimento não é o mesmo. Seguimos as orientações de funcionamento, mas nada está como antes.” Sem os estudantes, que eram boa parte da clientela, o movimento e o lucro devem continuar baixos. Aos poucos Marcão tenta reerguer seu comércio, esperando dias melhores.

Próximo dali fica o salão de beleza Espaço D’ellas, aberto por Keles e seu filho, em 2007. Keles se descobriu na área da beleza quando trabalhava como comerciante. Muitas mulheres pediam dicas de maquiagem, indicação de esmaltes e técnicas de penteado. “Acabei vendo um bom mercado, me especializei e abri o salão com meu filho”, conta ela.

Criada no Jardim Antártica, a cabeleireira pensava em outros bairros para abrir seu salão, mas como morava há anos na região, decidiu que seria o lugar perfeito. O que não esperava era que teria que fechar por conta da pandemia.

“Mesmo se estivéssemos abertos quando toda essa loucura começou, as pessoas tinham medo de vir. Eu notei a queda de movimento quando as notícias começaram a chegar no país. Na primeira semana de quarentena, fui impedida de trabalhar. O salão parou, mas as contas não e tive que me virar. Tentei atender em casa, mas não funcionou bem. Tive medo, mas arrisquei pra manter minha vida.”

Com Ribeirão Preto na fase amarela, os salões voltaram a funcionar. Entretanto, sem as estudantes, seu comércio ainda não funciona com força total. Por exemplo, as festas movimentavam as

maquiagens e penteados. Por sorte, as clientes estão voltando devagar.

O FATURAMENTO CRESCEU

Poucas ruas abaixo, encontra-se a Mercearia Dassie. O comércio familiar começou como bar em 1975 e passou para mercearia nos anos 2000. Parte do local se tornou também uma padaria há cinco anos, a pedido dos clientes. “Dassie é nosso sobrenome. Meu avô começou tudo, passou pro meu pai que passou para mim”, conta Rodrigo Dassie, dono da mercearia.

Ela é diferente das padarias tradicionais, pois não possui cozinha para fabricação de produtos de padaria. “Temos os fornos para assar os pães, que hoje é o carro-chefe de vendas aqui. Não existe uma cozinha para fabricação dos pães, croissants e pães de queijo; vem tudo congelado. E temos alguns fornecedores que trazem bolos e doces.”

Adalgiso Pimentel é aposentado e só sai de casa para ir à mercearia Dassie, pois adora o pão da padaria. “É melhor, né? Está perto da minha casa, não preciso dirigir ou pegar ônibus. Sair na rua, do jeito que estão as coisas não dá, está perigoso! E o pão da Dassie é uma delícia. Quando preciso de alguma coisa, encontro lá.”

Ante a pandemia, enquanto alguns comércios estavam fechados, algumas lojas do bairro tiveram faturamento reforçado, que foi o caso da mercearia. As vendas cresceram. Segundo Rodrigo Dassie, o movimento aumentou 25% comparado a antes. “Notamos, de um mês pro outro, um aumento relevante nas vendas. As pessoas estão em casa e, assim, nosso movimento cresceu. Até contratamos outra funcionária.” Rodrigo lamenta o momento em que vivemos, mas se diz abençoado pela prosperidade em sua padaria.

Guilherme Kanamori

MUITAS VILAS FORMAM O IPIRANGA, DESDE 1886

MORADORES ORGULHOSOS CONTAM COMO É VIVER EM UM DOS BAIRROS MAIS ANTIGOS DE RIBEIRÃO PRETO

ISABELLA MENGELLE e
MIGUEL MATHIAS DOS REIS

É o que dizia a placa que sinaliza o início do bairro, colocada em um arco pouco acima do antigo barracão da linha de trem, que atualmente foi substituída por um anúncio comercial. Segundo Adriana Capretz Borges da Silva, autora do livro “Campos Elíseos e Ipiranga: Memórias do Antigo Barracão”, o Ipiranga, situado na zona norte de Ribeirão Preto, surgiu ainda no período imperial brasileiro, por meio de um programa criado por D. Pedro II em 1886, com o objetivo de atrair imigrantes europeus para as terras brasileiras. O barracão é, ainda hoje, o marco que limita o início do Ipiranga (barracão de cima) e dos Campos Elíseos (barracão de baixo).

Além de ser um dos bairros mais antigos da cidade, o Ipiranga é também um dos mais tradicionais e constitui uma das áreas comerciais mais completas da cidade, com a presença de redes de farmácias, bancos, lojas de todos os tipos e muitos supermercados. O bairro também cumpre demandas de serviços essenciais, contando com duas UBS's locais destinadas ao atendimento médico da população residente e escolas, desde as creches até ao ensino médio.



Galpão de depósitos da estação Barracão

UM BAIRRO, MUITAS VILAS

O Ipiranga é constituído por várias vilas, com características e noções de comunidade distintas que compõem o bairro como um todo. Algumas das mais conhecidas são Vila Recreio, Vila Pompéia, Vila Albertina. O tamanho do bairro e a forte integração com os bairros vizinhos, devido à localização geográfica e ao comércio, tornam difícil determinar onde começa e onde termina. Os limites são tênues, como é o caso



Estação Barracão, patrimônio histórico localizado na entrada do bairro

da fronteira com o Jardim Presidente Dutra e o Sumarezinho.

Dona Maria Luiza Maggiore Culpo e seu marido, Mairson Culpo, ambos aposentados, vivem no Ipiranga há 46 anos e consideram sua vizinhança um lugar pacato. “Aqui no meu pedaço não tem briga. É cada um na sua casa, às vezes a gente tira uns dez, quinze minutos pra conversar um pouquinho, e aí todo mundo entra pra dentro. Aqui é assim, bem quieto”, conta dona Maria Luiza. O casal também ressalta que o crescimento e a evolução do bairro não trouxeram problemas de violência em sua área. “Mudou tudo. Aqui, agora, tá muito bonito. Antes era puro barro, tinha uma favela onde hoje tem esse prédio, mas eles nunca mexeram com ninguém. A fisionomia das casas melhorou muito, mas as pessoas continuam as mesmas”, dizem eles. Na região onde moram, violência não costuma ser um problema. “Muitos falam mal do Ipiranga, de bandidagem, mas estão enganados. Tem dia que a gente dorme com a porta aberta”, diz dona Maria. “E nunca tivemos problemas”, acrescenta seu Mairson.

Já dona Claudete Aparecida Fischer, aposentada que mora no Ipiranga há mais de quarenta anos, diz que insegurança é o principal problema. “Aqui onde eu estou atualmente não dá, não. Aqui é muita droga. Quando eu mudei para esse lado, o chefe [do tráfico] daqui veio aqui e falou que aqui ‘não tem negócio de chamar polícia não, aqui você conversa com a gente.’”

CARINHO PELA DOM PEDRO

A via de entrada do bairro é a menina dos olhos e o início da história de

muitos moradores no bairro. Dona Claudete residiu na Avenida quando se mudou para o bairro pela primeira vez e sente muita saudade. “Meu pai comprou a nossa casa lá na Dom Pedro, quando saímos do sítio. Casei e continuei morando lá. Faz 29 anos que ele morreu e eu mudei da avenida há 10 anos”. Para ela, a lembrança mais marcante é justamente do tempo em que residiu na avenida. “Quando eu mudei de lá, pensei que não ia aguentar não, que ia ficar doente.” Atualmente, o imóvel da família de dona Claudete na Dom Pedro é ocupado por sua irmã.

Outra característica muito forte a respeito do Ipiranga é a centralidade. Apesar da fama de ser uma área periférica, a Av. Dom Pedro I - principal via de acesso e trânsito no bairro e para todos os vizinhos que ficam ainda mais ao norte e também na zona oeste de Ribeirão - é passagem de aproximadamente dez linhas diferentes de ônibus urbano, que circulam por toda a cidade, desde antes de amanhecer até a madrugada. Do Ipiranga até ao centro da cidade, por exemplo, existem oito linhas que descem a Avenida Dom Pedro e chegam ao terminal da Catedral em menos de 15 minutos.

Nas palavras de Lucas José, comerciante de 37 anos, o bairro representa uma vida inteira. Ele nasceu, cresceu, estudou no Ipiranga e é dono de uma loja de motos localizada na Dom Pedro, desde 2004. Para ele, as expectativas de crescimento na região continuam grandes. “A avenida é um excelente corredor comercial e o bairro não para de crescer. Nunca saí daqui e também não pretendo. É muito amor envolvido”, finaliza.

A “VETERANA” FAZ HISTÓRIA EM JARDINÓPOLIS

TRAJETÓRIA DA ASSOCIAÇÃO OLÍMPICA INCLUI ESTÁDIO, INFLUÊNCIAS NA CIDADE E 100 ANOS BEM COMEMORADOS

MARISSA MENDONÇA

A Associação Olímpica de Jardinópolis, fundada em 1919, sempre foi conhecida como “A Veterana”, tendo um papel histórico na formação do município. Com participação efetiva de pessoas influentes da cidade, como políticos, empresários, fazendeiros, comerciantes e o próprio clero, Jardinópolis tem sua história entrelaçada com a Associação desde o início do século XX.

A sede é o estádio da Olímpica - como é conhecido pela população - onde acontecem jogos amadores e antigamente funcionava uma escolinha de futebol que está desativada, no momento. O local vem sendo bem cuidado e representa um patrimônio arquitetônico e histórico, de gerações, para o município.

Jardinópolis sempre teve a característica de dois grupos dominantes na cena política, cultural e esportiva. Cada um deles mantinha seu time de futebol, gerando uma rivalidade saudável e que levava a população aos jogos que aconteciam no estádio. Eram eles, no início do século XX, a Associação Olímpica de Jardinópolis e o São Paulo de Jardinópolis.

Na época da sua fundação, o campo da Associação ficava no quadrilátero das ruas São Sebastião, Getúlio Vargas, Treze de Maio e Albuquerque Lins. Em 1960, Jorge Saquy, um dos empresários da cidade e por muitos anos presidente do Conselho da Associação, comprou o campo do antigo São Paulo, na rua Coronel Joaquim Pereira Lima, o doou para a Associação que o mantém até hoje como sede.

A partir dali, a Associação participou de vários campeonatos esportivos, mantendo sempre a antiga rivalidade com o São Paulo. Porém, os dois principais clubes da cidade sempre se uniram quando era uma causa de benemerência. A paixão pelos clubes é tanta que a Associação teve, durante muito tempo, como membro honorário, um padre, Jaime Nogueira, unindo religião e futebol.

RESGATE DA HISTÓRIA

Segundo Jorge Saquy Sobrinho, um dos diretores atuais do clube, a maior preocupação da Associação hoje é a de resgatar sua essência, que foi se perdendo ao longo dos anos. Nessa trajetória, a população jardinopolense saltou de 20 mil habitantes em 2019 para 42 mil um século depois. Além de crescer, o município também passou por transformações socioculturais.

No ano passado, em comemoração ao centenário do clube, a atual direto-



Jogadores de grande categoria, no campo da Associação Olímpica de Jardinópolis

ria, presidida por Agnaldo José de Souza, organizou um evento com a seleção de Jardinópolis e a seleção do estado de São Paulo, em um jogo de futebol. Além da abertura da exposição de fotografias antigas.

Em relação à questão financeira da Olímpica, Jorge Saquy explica que toda a manutenção da sede é feita pela Associação, com ajuda dos patrocinadores e do valor arrecadado com o aluguel do campo para os times que jogam no local

como entretenimento. No momento, a Olímpica não possui time oficial e está treinando alguns atletas com o intuito de formá-los como time atual e, quem sabe um dia, comercializá-los.

Nos planos da diretoria, estão também o novo projeto de reestruturação arquitetônica do estádio, o resgate das categorias de base e do time amador oficial da Associação Olímpica, para inscrevê-lo em competições e obter patrocínios.



Sobreposição do antigo campo durante o jogo com o atual

SENHOR DO SEU TEMPO

APAIXONADO PELA HISTÓRIA, MILVE PERIA DEIXA IMPORTANTE LEGADO PARA MORADORES DE TAQUARITINGA



Arquivo/Câmara Municipal de Taquaritinga

Advogado e historiador, Milve Peria foi autor de livros e escritos históricos sobre Taquaritinga

JOÃO PALA

De tanta paixão por ela, entrou para a história. É assim que familiares e amigos lembram do aposentado Milve Antonio Peria, falecido em São Paulo, em 28 de agosto, aos 88 anos. Historiador apaixonado pela cultura e tradições de sua terra natal, Taquaritinga, na região de Ribeirão Preto, Peria se dedicou até ao último instante em preservar a memória taquaritinguense.

Em uma de suas últimas publicações em redes sociais, em março, Milve fez um pedido por materiais históricos sobre os distritos de Guarairoba, Jurupema e Vila Negri aos integrantes do grupo “Histórias de Taquaritinga”, o qual criou e colaborou até seu falecimento. “Todos nós temos histórias para contar. Só nos falta a oportunidade”, disse o historiador, à época. Mas, para Paulo Roberto Peria, filho de Milve, não faltaram oportunidades para que ele demonstrasse seu amor pela cultura taquaritinguense. .

“Essa paixão dele pela história veio de 15 anos para cá. Ele nunca reclamou de dificuldades. Se faltavam oportunidades, ele sempre corria atrás dos amigos [para divulgar]. Com essa mensagem, ele queria mostrar que estava disponível para que as pessoas entrassem em contato”, diz.

PESQUISADOR NATO

Autor de três livros com memórias locais sobre a Matriz de São Sebastião, a Câmara Municipal e a própria cidade, Milve Peria se debruçou sobre centenas de arquivos e escritos referentes ao município. O advogado aposentado também foi contemporâneo de outros historiadores de Taquaritinga, como o professor Arnaldo Ruy Pastore (falecido em 2019) e o jornalista Hamilton Roberto Aiello.

Além das obras literárias, Milve também deixou um legado repleto de histórias para todos: em 2019, entrou no ar o

portal “Nossa Taquaritinga”, website com um acervo de memórias assinados pelo próprio Peria. Nilton Morselli, jornalista e assessor de imprensa da Câmara Municipal, lembra com carinho da rotina diária de pesquisa executada pelo historiador na Casa de Leis. Morselli foi editor do livro “Taquaritinga - História e Memória”, de autoria de Milve.

“O Milve era sensacional, era humilde e não tinha jeito de ser ‘dono da verdade’. Tinha um amor pela história muito grande, e tinha um ‘HD’ [referindo-se à própria memória do historiador] lotado de informações. Grande parte do material que ele tinha foi para o portal. Era desapegado de seu conteúdo: o que era dele, era dos outros, também”, afirma Morselli.

MANTENDO O LEGADO

Entretanto, em setembro, pouco após a morte de Milve, o portal Nossa Taquaritinga saiu do ar, já que era o próprio aposentado quem mantinha o website ligado. Os filhos de Milve, radicados em São Paulo, atualmente estão se debruçando sobre o material deixado pelo historiador e estão à procura de pessoas que possam manter o site no ar com publicações inéditas. “Precisamos de gente capaz de con-

tinuar fazendo uma história verdadeira de Taquaritinga, com a pegada que o meu pai tinha, fazendo pesquisas com pessoas envolvidas”, afirma Paulo Peria.

À falta de alguém que possa auxiliar a família a manter o website no ar, o filho de Milve considera que a história de Taquaritinga sairá prejudicada com a partida do historiador. “Eu acho que a história vai se perder. Precisa ter tempo, domínio da escrita, das histórias e da veracidade delas. Vai ser difícil encontrar alguém que traga as histórias contadas, mas deve ter, eu espero que tenha esse alguém”, diz Paulo.

POR MAIS HISTORIADORES

Outro historiador que luta para manter viva a tradição cultural dos municípios da região de Ribeirão Preto é o ex-promotor Octávio Verri Filho. Assim como Milve, Verri mantém desde 2012 a “Plataforma Verri”, website com escritos e livros históricos do entorno ribeirão-pretano. Mas, mesmo com os esforços de muitos historiadores, Verri reforça a necessidade de mais interessados em garantir a preservação do patrimônio histórico das pequenas cidades brasileiras.

“Com as redes sociais, historiadores entusiastas têm ocupado importante espaço e as páginas de ‘Histórias’ têm angariado notável apoio. Mas esses historiadores não têm como ocupar os espaços dos profissionais que, com a formação e experiência que obtiveram, vão à fundo na evolução histórica, econômica e social de um lugar”, diz Verri.

“Hoje e sempre a preservação da memória de um município é imperiosa. Deixar perder um acervo de livros, fotos, documentos, prédios históricos e assim por diante é liquidar com a identidade cultural de um lugar”, destaca Verri. “Acredito que tudo isso que o Milve plantou, alguma hora, deve despertar o interesse de alguém em continuar o trabalho”, complementa o jornalista Nilton Morselli.



Igreja Matriz, Câmara e a Cidade de Taquaritinga foram lembradas por Milve

João Pala

SONHOS REALIZADOS NA CIDADE NATAL

EM CRAVINHOS JOVENS BATALHAM E REALIZAM SEUS OBJETIVOS NA ARTE E NA CULTURA

GABRIEL MELO

Desenvolver um projeto de maneira independente em uma cidade do interior pode ser visto por muitos como algo impossível, porém o ator e professor Leandro Mauricio prova que apesar do pouco incentivo é possível ir atrás de seus objetivos. Leandro criou em Cravinhos o CIT - Curso de Iniciação Teatral, um projeto que é o pontapé inicial nos sonhos de crianças e adolescentes que desejam ser atores e atrizes.

O professor não se arrepende de ter ficado em sua cidade natal e desenvolvido o projeto. “Eu até posso ajudar essas pessoas a dar um passo, dois, mas elas também promovem em mim outras mudanças e a certeza de que quando decidi ficar em minha cidade para devolver a ela todo conhecimento que adquiri em teatro, fiz a coisa certa”, conta. “O sonho aqui é coletivo e a gente o realiza toda vez que uma peça é montada, toda vez que uma história é contada.”

O CIT já ajudou algumas pessoas da região a realizar seus sonhos, entre eles Roger Mosna, que hoje é um ator formado e fala sobre a importância dessa iniciação no teatro para sua formação. “O CIT foi fundamental na minha trajetória, pois foi ali onde tive a possibilidade de me encontrar, não só como artista”, explica.

Criado há 10 anos, o CIT, atualmente conta com a ONG SARA e tem parceria com a Prefeitura e as Secretarias Municipais de Cultura e da Educação de

Cravinhos. As aulas são realizadas no Memorial Casa Libaneza, espaço cultural da cidade.

O esforço de Leandro e outras pessoas envolvidas com a arte e a cultura também já rendeu outro grupo de teatro. “O FANAN - Grupo de Teatro de Cravinhos é formado por alunos que já passaram pelos processos do CIT e hoje buscam sua profissionalização e difusão de seu trabalho pelo interior. Já participamos de concursos, fomos premiados e seguimos com nossos estudos”, conta Leandro.

SONHO NO INSTAGRAM

Outro cravinhense que resolveu enfrentar o desafio e ficar na própria cidade, de pequeno porte com seus 34 mil habitantes, é o estudante Kléber Fernandes, 17 anos. Na era da informação, novos sonhos exigem novas maneiras de realizá-los.

O adolescente decidiu por conta própria criar um projeto de lives para tentar dar início à sua carreira de apresentador, que é seu sonho. “Eu tive essa ideia no começo da pandemia. Foi o primeiro passo para dar início à minha carreira. Quero um dia ser apresentador de televisão.”

O projeto consiste em convidar artistas de diferentes campos para uma entrevista em formato de live no aplicativo Instagram para, de maneira descontraída, levar conteúdo para seus mais de 12 mil seguidores. Entre alguns artistas que já participaram estão Nivea Maria, consagrada atriz da Rede



Kleber em uma /live, entrevistando Rafi Vilar

Globo, e Giuseppe Oristanio, o eterno professor Afonso Malta, na Malhação.

Kléber teve um caminho difícil para colocar sua ideia em prática. “É a força de vontade. Para conseguir entrevistar esses atores globais não foi fácil. Muitas pessoas aqui em Cravinhos diziam que eu ia passar vergonha, mas chegar até onde eu cheguei não é para qualquer um”.

HISTÓRIA DA FALTA D'ÁGUA COMPLETA 20 ANOS EM JABOTICABAL

MORADORAS RELATAM ROTINA SEM ÁGUA; MAPA DE DISTRIBUIÇÃO ESTÁ 12 ANOS ATRASADO

GEOVANNI HENRIQUE

A falta d'água é um problema antigo para a maioria dos bairros de Jaboticabal. Há duas décadas, a história da crise de abastecimento é a principal crítica da população aos políticos e gestores da cidade, segundo moradores. Mesmo depois de diversas mudanças internas no SAAEJ (Serviço de Água e Esgoto de Jaboticabal), a população está longe de conseguir um final feliz.

A dona de casa Fabiana Franco Vaz Pinelli relata que as dificuldades começaram a aparecer há 10 anos. Em 2010, quando a família dela ainda morava no Jardim Grajaú I, o desabastecimento já era realidade. Eles se mudaram para o Jardim Grajaú II, também na região Sul do município, e a situação continuou a mesma.

“A gente tem que levantar bem cedo para molhar planta, lavar quintal, lavar

roupa, tomar um banho, só que a água ainda não chegou ou está muito fraca”, desabafa Fabiana, sobre os problemas que tem enfrentado diariamente.

Elaine Ortiz, dona de casa, mora no antigo bairro da família Pinelli, o Jardim Grajaú I, é outra jaboticabalense que também faz queixas sobre a falta d'água e diz que a escassez é recorrente. “Prejudica na limpeza, né? Nas questões básicas e essenciais que um ser humano tem direito. O nosso bem-estar e dos animais também acabam sendo afetados”, comenta.

Em entrevista, o presidente do SAAEJ, José Carlos Abreu, assumiu que a cidade enfrenta dificuldades e vive crise de distribuição, considerada o principal alçó de Jaboticabal. A falta de recursos financeiros, tecnológicos e um mapa que guie os funcionários da autarquia para as tubulações e encanamentos corretos agravam o problema. “Isso é o que mais atra-

palha. Imagine que o mapa que temos, atualmente, é de 2008. Estamos 12 anos atrasados”, revela.

Segundo Abreu, a distribuição de água não acompanhou o crescimento da Athenas Paulista, como é chamada a cidade reconhecida no país pela produção de amendoim e cerâmica. Em nota, a prefeitura de Jaboticabal informou que somente os bairros mais altos enfrentam crise de abastecimento. Disse também que o Executivo repassou R\$ 1 milhão para o SAAEJ construir uma moderna estação de tratamento de água, que foi inaugurada no dia 16 de julho, além de estar contribuindo na melhoria do quadro de RH e cobrado modernização no sistema de setorização.

Sobre as moradoras que reclamaram e foram citadas na reportagem, a prefeitura disse que a empresa responsável pelo serviço está com um novo projeto para a região do Jardim Grajaú.

BATALHA DO HELIÃO É ALTERNATIVA PARA RIMADORES

JOVENS UTILIZAM ESPAÇO NA PISTA DE SKATE EM SERTÃOZINHO PARA SE AVENTURAR NO MUNDO DO RAP



Union Skate Club permanece sem muita movimentação em meio à pandemia

LUÍS SANTANA

Localizado na praça Joselia Maria Palmieri, no bairro Parque Residencial Francisco Paschol, em Sertãozinho, o Complexo Poliesportivo João Mauro Miessa teve sua história iniciada em dezembro de 2002, quando o prefeito José Alberto Gimenez aprovou o projeto de lei do vereador Lúcio Martins de Freitas, que nomeava o pequeno complexo já existente na avenida Hideo Takada. Apesar da nomeação oficial, o local é conhecido pelos sertanezinhos como Quadra do Helião, por causa do treinador Hélio Cândido, que dá aulas gratuitas de futebol para crianças no complexo.

Anexa ao Complexo, a Union Skate Club é a única pista de skate pública de Sertãozinho. No início, meio que jogada de lado, o local era utilizado pelos poucos adolescentes que se interessavam pelo esporte. Entretanto, com a reforma do complexo, em 2017, a área ganhou cara nova e, por conta disso, o movimento passou a ser maior, além de surgirem eventos para quem frequenta a pista.

Um desses programas é a Batalha do Helião. Organizado de forma independente, o projeto visa à iniciação dos jovens na música, através do rap. Batalhas de rima existem há tempos, localizadas, em sua maioria, nas periferias das grandes cidades. A iniciativa oferece alternativa para adolescentes que vivem na linha tênue entre o mundo do crime e os estudos. A música catalisa e transforma as pessoas. Além disso, nesses eventos os participantes rimam suas vivências, colocando para fora aquilo que sentem. Esse fenômeno de “batalhas” explodiu em 2017 com a popularização da Batalha do Tanque, no Rio de Janeiro, quando os

eventos passaram a ser gravados e disponibilizados no YouTube, rendendo milhões de visualizações e se espalhando por todo o Brasil.

O FENÔMENO DO RAP

Em Sertãozinho não foi diferente. Utilizando o espaço da Union Skate Club, jovens passaram a se organizar às terças-feiras para realizar a Batalha do Helião. Alberto Rafael Costa, o rimador “Betim”, conta que a organização do evento ainda é simples. Utilizando papel e caneta, tudo consegue sair bem, conforme o esperado. “A gente chega lá, o povo que vai rimar e o público memo, os que só vão pra assistir. E aí eles perguntam quem vai rimar e tudo mais, aí anotam em uma folha e a partir dali criam as chaves, organizando quem vai rimar contra quem, num sistema de mata-mata, tipo futebol”, explica o jovem.

Betim conta que o seu interesse pelas batalhas surgiu por meio da internet. Assistindo grandes nomes como Emicida, o rimador começou a participar do evento que acontece na Union Skate Club e reúne pessoas dos mais variados bairros da cidade. “O que me fez interessar foi o YouTube mesmo, eu via o Emicida, né? Ele é campeão da Liga Nacional e aí foi através dele.” O jovem acredita que a maioria das pessoas que começaram a rimar foram influenciadas pela internet. Ou chamadas por pessoas que já se envolviam com o meio”, explica.

Não é de hoje que a música influencia a vida das pessoas, desde a descoberta de um talento que estava guardado dentro de si, até para conseguir superar dificuldades e adversidades impostas. Principalmente para os jovens de periferia, o fenômeno musical age como um novo rumo, para se conseguir o suces-

so e, quem sabe, uma condição melhor. “Particularmente, na minha vida, não teve nenhum impacto, não. Agora tem muito amigo que teve sim, mano. Os moleques entraram nesse ramo, começaram a fazer música e isso por conta das batalhas. Eles começaram a conhecer os DJ lá e uns caras que patrocinam, e daí entraram de vez nisso”, conta.

Betim comenta que as batalhas de rimas no Helião têm importância sim, para uma certa classe de jovens, “como por exemplo os moleques que moram lá nos meus predinhos. Eles vão lá, curtem o evento, se entretêm e isso induz a ler livro, mano. Isso que é o bom. Eles começaram a ter um hábito de ler, estudar, pra conseguir rimar e fazer música.”

Sobre uma possível ajuda da prefeitura com os eventos, o rimador se mostra contrário, pois segundo ele, a ideia do projeto é ser algo feito pelos jovens, para os jovens e então não tem motivo para o poder público interferir. “Na minha opinião pessoal, não combina ter apoio da prefeitura. Como é independente, quem patrocina é loja de skate, loja de camisa e como a batalha é pequena, não é tanta coisa que vão ganhar. Então, acho que é melhor ser independente.”

A Batalha do Helião teve suas atividades suspensas por tempo indeterminado devido à pandemia do novo coronavírus e a suspensão interferiu na rotina pessoal de Betim. “Sentir falta, eu sinto. Os moleques que batalhavam sentem também, porque era uma coisa semanal cara, como se fosse um rolê. O povo lá tinha bastante amizade, tirava foto junto, conversavam. Entendeu? Eles tipo faziam uma família lá. Faziam músicas juntos, compartilhavam alguns ideais”, finaliza.

Luis Santana

SOLIDARIEDADE NO JARDIM AEROPORTO

PROJETO CASA VIDA CUIDA DOS PACIENTES E TRAZ O BEM PARA A COMUNIDADE DESDE 2015

JULIANA RODRIGUES

Fundada há cinco anos, a Casa Vida do Projeto Esperança e Vida (PEVI) faz parte do cotidiano dos moradores do bairro Jardim Aeroporto na cidade de São José do Rio Pardo – SP, beneficiando a comunidade com alimentos saudáveis e ajudando na socialização dos pacientes.

A Casa Vida é uma república do PEVI para os pacientes que fizeram tratamento na ONG, não têm mais vínculo familiar e estão em situação de rua em São José do Rio Pardo. A Casa fica no bairro Jardim Aeroporto, próximo da igreja Nossa Senhora do Loreto. Ali, são vendidos legumes, verduras, frutas sem agrotóxicos e frescos, cultivados na horta pelos próprios pacientes. Além disso, comercializa mudas de temperos, chás e vasos de cimentos. A renda das vendas são destinadas à manutenção da entidade, que também recebe doações. A Casa Vida não recebe verbas da prefeitura.

A presidente do PEVI e Casa Vida, Tereza Presti da Silva, conhecida como Terezinha ressalta a importância de outros tipos de tratamento para os internados,

como o trabalho na horta. “O tratamento da dependência química não é só com remédio”.

Também a assistente social do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) de São José do Rio Pardo, Ivana Satti Busso, destaca que a técnica de laborterapia traz um grande resultado na recuperação dos dependentes químicos. “O PEVI, assim como outras clínicas utilizam a técnica com a horta e a criação de animais, como vacas, porcos e galinhas”.

De acordo com Marlene Donizetti Luciano Salvador, parente de um ex-paciente do PEVI, todo tratamento promovido para o irmão foi essencial na recuperação. “Foi muito bom para ele, concluiu o tratamento com bastante êxito. Ajudou na horta e agora está bem”. Marlene, hoje é voluntária no PEVI.

Antes de se instalar no Jardim Aeroporto, a presidente do PEVI encontrou dificuldades para alugar o imóvel. “Quando sabiam que era pro PEVI, eles relacionavam com drogas e duas pessoas recusaram. Foi quando apareceu uma terceira



Pacientes trabalham na venda de verduras

Juliana Rodrigues

opção que foi a do Jardim Aeroporto”, expõe Terezinha.

Além disso, a presidente informa que a Casa Vida fica próximo ao escritório administrativo do PEVI, que funciona em uma sala na igreja do Loreto, o que facilita supervisionar o projeto.

Terezinha afirma ainda que, com a pandemia a venda dos alimentos da horta cresceu, pois as pessoas estão se movimentando menos por causa do distanciamento social e preferem comprar dentro do bairro onde residem.

COMUNIDADE TERAPÊUTICA FEMININA TRANSFORMA VIDAS

EM SERTÃOZINHO, MAIS DE 400 MULHERES DEPENDENTES JÁ FORAM ACOLHIDAS, ENTRE ELAS GESTANTES

LÍDIA MATTOS

A Comunidade Terapêutica Mara Meneses é a primeira e única reabilitação feminina da cidade de Sertãozinho, destinada a acolher exclusivamente mulheres dependentes químicas. Idealizada por um ex-dependente químico, a ONG recebe mulheres acima de 18 anos, inclusive gestantes. O intuito é proteger os bebês que podem sofrer com abstinência decorrente do uso frequente de drogas pelas mães.

Desde sua fundação, em 2008, já foram internadas mais de 400 mulheres. Normalmente a situação em que essas mulheres chegam à Comunidade é grave, com problemas de saúde física, mental ou emocional, causados pelo uso de drogas ilícitas como crack, maconha, cocaína ou lícitas, como o álcool.

O projeto independente conta com o apoio de doações da população fornecidas pelos municípios e repasse de recursos pela Prefeitura. As pessoas chegam por conta própria ou encaminhadas pelos médicos dos postos de saúde e dos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial).

O tempo mínimo de tratamento é de seis meses, em regime de internação integral semi-internação. O modelo do



Coordenadora técnica, pedagoga, voluntárias e pacientes se confraternizam no “Dia da Beleza”

Lídia Mattos

tratamento adotado pela comunidade é o dos doze passos, um dos que mais tem apresentado bons resultados na recuperação de dependentes químicos.

Carmem Razzi, coordenadora técnica da Comunidade Terapêutica, explica que “na casa, há reuniões do NA (Narcóticos Anônimos) e o AA (Alcoólatras Anônimos). Essas reuniões são chamadas de partilhas, pois as pacientes vão até o local para desabafar. Além dessas, “há também as reuniões de espiritualidade e a reunião dos doze passos, onde elas estudam suas próprias histórias, desde o nascimento até o momento.”

Segundo a coordenadora, todo o trabalho é desenvolvido por coordenadores, psicóloga, psiquiatra, dermatolo-

gista, assistente social e com os terapeutas holísticos. “Há também voluntários. Entre eles, os mais frequentes são o Expresso Riso e grupos religiosos, que doam seu tempo para dar apoio para essas mulheres da comunidade”.

Além de todo apoio profissional e de voluntários, a família também é muito importante nesse processo de recuperação das pacientes. Por este motivo, são feitas reuniões com grupos do Amor Exigente, onde familiares chamados co-dependentes, recebem orientação sobre como devem ajudar a pessoa em recuperação. Eles se reúnem para aprender que a dependência química é uma doença fatal, espiritual e progressiva, e que deve ser tratada.

O INVENTOR DE UMA USINA DE ENERGIA LIMPA

“SEO” GUEDES DEDICOU SUA VIDA A CRIAR UMA CENTRAL HIDRELÉTRICA CASEIRA E DE BAIXO CUSTO



José Guedes moldando peça de uma central elétrica em construção

ERMAIÊ MENEZES

José Guedes Nogueira, morador de Bady Bassitt desde 1966, esbanja humildade, fé e força de vontade. Sua história é marcada por muita garra e desafios desde muito jovem. Criado em uma casa de pau a pique, no mato interiorano da Bahia, ele nunca teve acesso à energia elétrica em sua residência. Ainda criança, aos oito anos, em uma viagem a cidade próxima, viu pela primeira vez uma lâmpada acesa. Aquela imagem despertou um sonho, trazer eletricidade ao lugar em que ele morava, para a comunidade da qual ele fazia parte. O sonho de criança do senhor José nunca foi esquecido e ainda hoje, aos 74 anos, ele acredita firmemente que é capaz de realizar tudo o que idealizou ao longo de toda sua vida.

O maior desafio a vencer é o preconceito. Assim como 6,65% da população brasileira, seo José é analfabeto funcional, pois não teve oportunidade de frequentar regularmente o ensino fundamental e médio. Isso, para ele, é motivo de muitos profissionais de engenharia elétrica não acreditarem no seu projeto, no seu sonho de vida. Mas, para ele, tudo é no tempo de Deus e mesmo sem a crença das pessoas, não pretende desistir.

Seu projeto teve início com testes em 26 de março de 1982, ainda quando trabalhava paralelamente em uma empresa de impermeabilização. Fez muitos metros de desenho em cartolina, muitos esboços, ferramentas, tentativas de pequenas peças, até perceber que seu projeto necessitava de dedicação total. Então, a partir de 2003 decidiu traba-

lhar apenas nisso. Largou seu emprego e começou a jornada decisiva para chegar cada vez mais perto do seu sonho. Sua busca por profissionais capacitados a ajudá-lo o fez perceber que as dificuldades seriam cada vez maiores porque ninguém acreditava nele. Os materiais custavam muito e sua família era humilde demais para custear tanto. Mesmo assim, ele não desistiu e em 2011 conseguiu ter seu projeto concluído, gerando energia elétrica sustentável.

O único problema que até hoje seo José enfrenta, é não ter ajuda técnica qualificada para tornar seu projeto viável em larga escala. Mas, ele acredita estar lidando com “peixe grande”, desafiando grandes usinas que monopolizam o país, tornando assim sua humilde tentativa de ajudar os mais pobres a ter acesso a uma lâmpada acesa ou uma geladeira.



Mesa onde o senhor Guedes esboça cada peça de seu projeto

JOGOS DO INTERIOR FORAM CRIADOS EM MONTE ALTO

BABY BARIONI FOI JOGADOR DE BASQUETE RECONHECIDO, CRIOU O TORNEIO E DÁ NOME AO POLIESPORTIVO DA CIDADE



Entrada do Complexo Poliesportivo

ISABELA FRESCHI

Sábado, 12 de julho de 1980. Naquele dia, há 40 anos, foi inaugurado o Complexo Esportivo Baby Barioni, em Monte Alto, a 75 km de Ribeirão Preto. O nome do poliesportivo é uma homenagem ao ex-jogador de basquete e criador dos Jogos Abertos do Interior, Horácio Barioni, mais conhecido por Baby Barioni, falecido em 7 de novembro de 1967. Na inauguração estavam o prefeito, o presidente da Câmara Municipal, alguns vereadores, um deputado e um padre para abençoar o local.

Dotado de quadra coberta e assoalhada, palco, serviço de som, o ginásio tem amplo espaço ao redor, que comporta duas quadras abertas, conjunto de piscinas, campo de futebol, pista de atletismo e academia ao ar livre. Na época da inauguração, o complexo já era bastante imponente e a construção feita pela administração do prefeito Elias Bahdur trouxe muito orgulho aos montealtenses.

Com a presença de um público que lotou as arquibancadas do ginásio, foram realizadas duas partidas de basquete. Uma com adolescentes da escolinha da Comissão Municipal de Esportes e a segunda com as equipes femininas da Universidade Metodista de Piracicaba contra o Bauru Clube de Tênis. Nesses dois times havia atletas participantes da Seleção Brasileira de Basquete. A partida foi muito disputada, tanto que Bauru ganhou por um ponto de vantagem. O placar final foi de Bauru 58 x 57

Unimep. O prefeito montealtense entregou o troféu à equipe vencedora.

RELAÇÃO COM A CIDADE

Tudo começou ao acaso, em meados de 1935. De passagem por Monte Alto, o atleta paulistano Baby Barioni viu-se forçado a pernoitar na cidade. Acabou por apitar um jogo de basquetebol naquela mesma noite, resolveu ficar ali dois dias a mais e se apaixonou, segundo relatos da época. Os lances movimentados do jogo e o calor encontrado entre os contendores tornaram-no amigo da cidade e do seu povo, passando a considerar seriamente a realização de um evento esportivo que há muito sonhava.

O sonho que vinha sendo cultivado desde 1927 realizou-se em 1936. Em Monte Alto nasciam os Jogos Abertos do Interior, hoje uma das mais importantes competições de bases da América Latina. O então presidente da Associação Atlética Montealtense, Manoel Carvalho Lima, também teve importante participação no feito. Com garra e entusiasmo, a ideia aos poucos foi se concretizando com a ajuda das autoridades da época. O acaso criou um laço permanente de Baby com Monte Alto e trouxe benefícios à cidade, como reconhecimento e relevância nacional, avanço nos esportes e novas oportunidades para os munícipes.



Plínio de Toledo, Baby Barioni e Manoel Carvalho Lima, fundadores dos Jogos Abertos

CURSINHO POPULAR MUDA A VIDA DE JOVENS

NAV É UM PROJETO COMUNITÁRIO QUE AUXILIA ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS A INGRESSAREM NA UNIVERSIDADE

BRUNO CESAR
e VINICIUS BOTELHO

O projeto NAV (Núcleo de Apoio ao Vestibulando) é um cursinho popular comunitário localizado no bairro Ipiranga, mais precisamente na Rua Bahia, zona norte de Ribeirão Preto. Por meio dele, centenas de alunos de baixa renda conseguem auxílio e apoio para ingressar na universidade. A Paróquia São Pedro Apóstolo é a grande responsável pela realização do NAV, disponibilizando o espaço onde ocorrem as aulas e sendo peça fundamental para a construção da história do projeto.

Criado em 2002, com apoio de um grupo de jovens da Paróquia, o projeto nasceu do ideal de construir uma iniciativa concreta em prol da juventude. Assim surgiu o Núcleo de Apoio ao Vestibulando. Os professores que fazem parte do Núcleo lecionam voluntariamente para os alunos do projeto e dão aulas na rede particular e pública durante o dia. Atualmente, o cursinho conta com professores de todas as matérias exigidas pelos principais vestibulares do país.

Durante os três primeiros anos do cursinho, a duração das aulas era limitada a apenas uma hora e meia, diariamente de segunda a sexta-feira. Não se imaginava na época que a iniciativa alcançaria a mesma dimensão de um cursinho tradicional.

A primeira turma foi formada em 2003 e três anos depois aconteceu a grande mudança que redesenhou a estrutura do projeto, transformando-o em um cursinho com três aulas por dia. Em 2008, se mudou para a sala que ocupa até hoje, num espaço mais adequado, e passou a contar com quatro aulas ao dia.

Os que estudam no NAV são estudantes que concluíram ou estão concluindo o segundo grau na rede pública, cuja renda familiar não permitiria a preparação para o vestibular em um cursinho particular.

Nos 15 anos de história, o projeto já tem entre seu ex-alunos vários aprovados em Letras, Pedagogia, Música, Ciência da Documentação e Informação, Jornalismo Zootecnia, Fonoaudiologia, Enfermagem, Sistemas de Informática, História, Ciências Contábeis, Direito, Fisioterapia e Biologia, em universidades públicas e particulares de nível reconhecido.

ALÉM DA TEORIA

Jovens que não têm uma base familiar que os direciona para a vida dos estudos muitas vezes desconhecem a importância e as possibilidades de uma



Antes do isolamento: reunião no NAV



Sala onde os alunos do projeto tinham aulas

formação universitária. Para a coordenadora pedagógica do cursinho, Viviani Cossalter, “seria interessante que ex-alunos de escolas públicas, quando nas universidades, promovessem encontros ou rodas de conversa nas escolas para divulgar o ensino superior e as formas de acesso a ele”.

Aliado a isso, o NAV também se preocupa com a promoção de posturas sociais, como afirma o ex-aluno Luis Oliveira, que participou do cursinho em 2018 e atualmente faz Enfermagem na USP. Ele comenta que o Núcleo impulsionou seu conhecimento sobre as matérias. “Agregou muito em meu amadurecimento pessoal, me proporcionando novas experiências que eu não tive oportunidade de ter no ensino público”.

Uma das vertentes do cursinho é o acolhimento. A importância do apoio para os alunos que buscam a entrada na vida universitária é essencial. Maurício Rampim, atual aluno do cursinho, conta que o Núcleo tem uma grande importância porque se tornou sua segunda casa. “Eu realmente vejo o cursinho como uma família, onde aprendi a conviver melhor com as pessoas, trocar experiências e novas amizades”.

PREOCUPAÇÃO COM O SOCIAL

Como um cursinho popular preparatório para o vestibular, o NAV também assume uma postura ativa na contribuição para o meio social em que está inserido. O projeto se mantém com uma pequena taxa de inscrição e uma contribuição mensal não obrigatória por parte dos alunos. Esse recurso é transformado unicamente em materiais e manutenção do espaço para os estudantes.

Além disso, são realizados debates que promovem o pensamento coletivo, em uma integração entre as disciplinas de História, Filosofia, Sociologia, Geografia e Literatura. Entre os anos de 2004 e 2010, o NAV participou do movimento dos Cursinhos Populares de Ribeirão Preto e região, que realizava anualmente um Fórum para tratar de assuntos relacionados à educação, vestibulares e cotas, por meio de debates, rodas de conversas e momentos culturais.

De acordo com Viviane Cossalter, “um cursinho popular dá a oportunidade do acesso ao complemento dos conteúdos, às informações sobre os principais vestibulares e universidades e oportuniza a socialização entre a comunidade”.

O processo seletivo do NAV acontece entre o final deste ano e o começo de 2021. Todas as informações são divulgadas na página do Facebook do NAV – Núcleo de Apoio ao Vestibulando.



Biblioteca com livros exigidos pelos vestibulares

OUVIU DO SEU PROFESSOR: “VOCÊ LEVA JEITO”. E ACREDITOU

REGISTROS DA VIDA DE GILBERTO ABREU, MINEIRO QUE SE TORNOU UM DOS GRANDES NOMES DA EDUCAÇÃO RIBEIRÃOPRETANA



Professor há mais de 40 anos, Abreu viveu a tensão de lecionar durante o período da Ditadura Militar

GABRIEL IDALGO

Escritor, professor e com passagem política, Gilberto Andrade de Abreu, nascido em Passos (MG), hoje, aos 71 anos, reside no bairro Parque Industrial Lagoinha em Ribeirão Preto. Desde criança, foi influenciado pelo meio literário e na escola encontrou motivação. “Um professor de Língua Portuguesa, chamado Joaquim Vilela, no Colégio de Passos, ao me devolver uma redação corrigida disse: ‘Muito bem! Continue. Você leva jeito’. Daí, eu acreditei. Talvez tivesse uns 11 ou 12 anos.”

Grande admirador das obras de Dostoiévski como “Crime e Castigo” e “Os Irmãos Karamazov”, autor de doze livros publicados, entre poemas, contos, romances e ensaios, Abreu foi homenageado como escritor local na Feira Nacional do Livro do ano passado.

Atualmente, trabalha em mais dois livros. “Um que me custa vários anos de pesquisa é um romance histórico sobre o filósofo holandês de origem portuguesa, Baruch Spinoza que viveu no século XVII, e chama-se “O Po-

lidor de Lentes”. O outro é de ensaios sobre a brutalidade humana”

Quando mais jovem, o professor tendia à carreira jornalística, porém a situação política da época e o apego à família acabaram determinando que optasse por outros caminhos. “Cheguei mesmo a prestar o vestibular de Jornalismo na UFMG. Não me matriculei por dois motivos. O primeiro é que era muito apegado à minha família. Não suportava a ideia de viver distante dos meus que eram e ainda são muitos. O segundo motivo, não sei bem agora se pra justificar o primeiro, foi a morte de um jornalista da revista Veja (morto pelas forças da repressão). Escrevíamos para as mesmas revistas literárias da época. Não nos conhecíamos, pessoalmente, mas líamos um ao outro. Resolvi, logo depois, me tornar professor e vim a descobrir que o risco pessoal era o mesmo ou até maior. Não há escapatória. Gostei tanto que prossegui.”

TEMPOS DE REPRESSÃO

Em 1971, teve sua casa invadida pela Polícia Militar, foi levado preso ao DOPS, interrogado pelos militares pelo fato de ter tido uma música censurada

no Festival da Canção de Passos. Disse ter ficado preso junto ao casal de atores Julian Beck e Judith Malina, membros do “Living Theatre” um grande fenômeno cultural da época.

“Fiquei, então, dez dias confinado numa cela com outros treze detidos. Felizmente, não sofri nenhuma tortura, a não ser a psicológica. Conto essa história no meu romance ‘Nossas Roupas Comuns Dependuradas’”. Acabei de escrever um ensaio sobre um fato ocorrido enquanto estive preso.

Professor há mais de 40 anos, Abreu viveu a tensão de lecionar durante o período da Ditadura Militar. Chegou a ter aulas gravadas e entregues à polícia. Confessa que teve receio de ir trabalhar em alguns momentos, mas ainda assim participou de movimentos de professores contra o regime militar. “Em 1979, com outros professores como o Melhem Adas, o José Dantas, o Lafayette Tourinho e jornalistas como o Júlio Chiavenato, fizemos uma Semana Cultural no Teatro Auxiliadora que reuniu em torno de 500 pessoas todas as noites, de domingo a domingo. Quantas celebridades do mundo acadêmico e literário pudemos então convidar e conviver, mesmo ainda no clima repressivo. Havia, também, reuniões, debates, manifestações.”

LEGADO NA EDUCAÇÃO

A atuação de Gilberto como professor deixou um legado entre seus ex-alunos. Marcelo Tena Madureira o descreve como sério e descontraído ao mesmo tempo, educado e ponderado nas palavras. “Extremamente focado na aula, e preocupado se estava conseguindo dar o recado adequadamente, ele tinha uma forma única de se expressar.”

Mais recentemente, Gilberto teve passagem pelo cenário da política de Ribeirão Preto como vereador (já havia assumido a Secretaria da Cultura e do Meio Ambiente na década de 1990). Ele destaca o interesse pela vida política, mas cita uma certa decepção “A maioria das pessoas que se envolve na vida pública quer tirar proveitos pessoais e se esquece de que estão a serviço da sociedade. Por isso, resolvi me recolher”.

Continua lecionando, porém com um número mínimo de horas-aula. “Mantenho o prazer que sempre cultivei na profissão que nunca me desgastou fisicamente, a não ser uma ou outra vez, nem psiquicamente. O que se faz por gosto não desgosta nem desgasta. Registrar essas coisas, enquanto viver. Essa é a minha ambição.”

A FAMÍLIA URSULINA ACOLHE SEUS ALUNOS, COMO MÃES

QUEM SÃO ESSAS IRMÃS QUE VIVEM EM COMUNIDADE, EM COLÉGIOS ESPALHADOS POR TODO O MUNDO?

LIZ VELOCCI

A história das Ursulinas começa no norte da Itália com uma jovem chamada Ângela Mérici. Na cidade de Desenzano, Ângela nasceu, filha de um pequeno proprietário que trabalhava como camponês. Diz a história que seu pai lhe contava sobre livros religiosos, santos e virgens, o que fez com que ela adotasse bem cedo uma vida sóbria e contemplativa. Acredita-se que ela tenha ficado órfã aos 18 anos, e isso fortificou sua vivência com Cristo.

Em 1535, Ângela Mérici fundou a Companhia, adotando como padroeira a Santa Úrsula (de onde vem o nome “Ursulinas”). A União Romana da Ordem de Santa Úrsula surgiu na Idade Média, época turbulenta, momento em que as mulheres eram segregadas e muitas viúvas com filhos para cuidar, devido às guerras ou à peste negra. Ângela foi criada a ordem para acompanhar, proteger e amparar essas mulheres viúvas e órfãs. Foi canonizada em 1807, 200 anos após falecer. Tornou-se Santa Ângela, protetora dos doentes, das pessoas com deficiência, dos males do corpo e da perda dos pais. O lema das Ursulinas é *Serviam*, latim para “servir”. A principal missão de uma irmã Ursulina é acolher o outro, na sua vulnerabilidade, e edificar.

No Brasil, primeira casa Ursulina surgiu da concretização do sonho de uma baiana, Úrsula Luiza de Monteserrat, que construiu um convento para moças em 1735, o Colégio Nossa Senhora das Mercês, em Salvador. Muitos anos depois, em janeiro de 1912, por ordem do Bispo Dom Alberto José Gonçalves, saem de Salvador quatro Ursulinas em direção a Ribeirão Preto. Irmã Maria do Carmo de Almeida e Irmã Maria de Lourdes Santos Coimbra, originais de Portugal; Irmã Maria Stalinas Flecher de Pont de Beau Voisin, francesa, e a noiva brasileira das Mèrces, Irmã Maria Gonçalves.

As quatro chegam em Ribeirão no dia 28 de janeiro de 1912, e iniciam o colégio das Ursulinas em 1913, com 90 alunas. Muitas alunas moravam no internato da escola, por isso, as irmãs ocupavam não apenas o lugar de educadoras, mas sim, de mães. Além de educar na cultura e na formação acadêmica, também se dedicavam à formação da pessoa, seu caráter e integridade. Um princípio que não mudou desde a proteção exercida por Santa Ângela nos primórdios dessa história, até os dias de hoje.



Irmã Helenice, Irmã Artimira e irmãs Ursulinas: “Não há educação sem amor”

O Colégio Santa Úrsula ficava localizado no centro da cidade. Cresceu tanto que chegou a ter mais de 1.500 alunos, na década de 1990 e precisou ser transferido para um novo terreno, uma antiga chácara das Irmãs, localizada na Zona Sul de Ribeirão.

Hoje no colégio residem 13 irmãs, algumas de idade avançada, mas que seguem na missão de servir e educar. Elas vivem em comunidade, seguindo o legado que sua fundadora deixou “Vivei em harmonia, unidas todas num só coração e numa só vontade”. A Irmã Helenice Fátima de Souza, atual diretora, conta: “Temos desafios como todas as famílias, cada uma tem seu temperamento, seu jeito. Temos nossos votos de viver juntas e somos felizes e unidas. É muito gostoso viver em comunidade. A gente sofre e a gente se alegra”.

As Irmãs possuem um papel muito importante na vida dos alunos e suas famílias, dos professores, dos funcionários. “Não há educação sem amor” diz a diretora. A Irmã Artimira Gomes Vieira, ursulina desde 1970, conta que receber um aluno é sempre motivo de alegria. “Nossas escolas no Brasil possuem gerações de ex alunos, onde a bisavó, a avó e os pais estudaram. Todo ex aluno continua membro da família Ursulina. Muitas vezes nos enviam convite de casamento, fotos do nascimento dos filhos e nos chamam para momentos alegres ou tristes”.

Atualmente, existem ordens de Irmãs Ursulinas em 36 países espalhados pelo mundo. “Não importam as diferenças, nos sentimos conectadas por nosso carisma. Gostamos de dizer que, no Espírito Santo, falamos a mesma língua” completou Irmã Helenice.



Reunião de Capítulo Geral, com representantes dos cinco continentes



Audiência privada das irmãs Ursulinas com o Papa Francisco, em 2019

EDUCAÇÃO COM AMOR E DIGNIDADE

CRECHE ACOLHE CRIANÇAS DA COMUNIDADE ZARA E DÁ A ELAS A CHANCE DE UM FUTURO MELHOR

MARINA PARADA

A creche que cuida de mais de 250 crianças merece o respeito da comunidade. A instituição, que neste ano apaga a vela dos 37 anos, faz muito por quem não tem e trabalha para que as crianças entrem no caminho abundante da vida. A Sociedade Beneficente Espírita Nave da Saudade, comumente conhecida por Creche Nave da Saudade, carrega sentimento no nome. Fundada em 1983, a instituição influi na história de muitos que por ali já passaram e almejam assistir ao futuro dos que ainda caminham na Nave da Saudade.

Edna Carvalho, diretora geral da creche, conta como funciona o dia a dia das crianças que ali são acolhidas. “Elas chegam às sete e meia da manhã, saem às quatro e meia da tarde e fazem quatro refeições diárias”, explica. As crianças são divididas por faixa etária e são educadas por um conteúdo pedagógico referente à idade de cada uma. Além do conteúdo específico, a creche conta com aulas de música, judô, karatê, circo, capoeira, artes, inglês, informática, brinquedoteca, biblioteca e um parquinho, onde brincam livremente.

AJUDAR FAZ BEM

Ali trabalham voluntárias como Maria Antônia da Silva, administradora, Janaina Pupin e Danielle Savi Zanetti, monitoras da creche e o sensei Silvio Firmino, professor de judô. Todos ajudam a transformar a vida de crianças cheias de vida e esperança. Através do projeto Luz do Ninho, desde 1998, o sensei Firmino já formou grandes atletas, inclusive campeões.

Um deles é Jadiel Batista, aluno da primeira turma de judô da Creche, que se encontrou no esporte e decidiu seguir a carreira de judoca. Deu aulas junto do professor que o acompanhou por anos em sua trajetória na creche. Hoje é formado em Educação Física e atua como professor de judô, seguindo os passos de quem tanto o incentivou. Outros nomes e companheiros de Jadiel se tornaram atletas judocas e conquistaram medalhas e um mundo novo através do bem e da ajuda de pessoas com sede de amor.

A creche Nave da Saudade sobrevive com doações. Fazendo e participando de eventos que reúnem parceiros doadores como supermercados e lojas, a instituição arrecada alimentos, materiais escolares, dinheiro, para fazer



Creche acolhe mais de 250 crianças do bairro

melhorias na infraestrutura, sempre pensando e buscando o melhor para as crianças que ali frequentam e se sentem acolhidas e amadas por funcionários, professores e gestores do espaço. A instituição que carrega saudade no nome e deixa saudade no coração de quem passa por lá.

LABORATUQUE FAZ SOM E PROMOVE EDUCAÇÃO

PROJETO DE DEVA MILLE E FAMÍLIA COMPLETA 28 ANOS DIALOGANDO COM COMUNIDADES POR MEIO DA MÚSICA

HENRIQUE ESCHER

Criado pelo músico percussionista Deva Mille e sua família, atualmente, residentes do Ipiranga, o Toque na Lata é um projeto de ensino que existe há 28 anos e encontra na música uma forma de dialogar com seus alunos em algumas localidades da região e comunidades de Ribeirão Preto.

Devanir Mille criou há dois anos o Laboratuque, um empreendimento que gerencia o Toque na Lata para oferecer gratuitamente aulas de percussão a pessoas que buscam aprender o som dos tambores.

Essa vocação para atuar com socioeducação começou em 1991 quando Deva empreendeu seu primeiro projeto, que posteriormente se transformou no Toque na Lata. Suas aulas são gratuitas e atualmente acontecem na ONG Sara em Cravinhos, na Casa das Mangueiras, próximo ao alto do Ipiranga, e também no Memorial da Classe Operária (UGT), no centro da cidade de Ribeirão Preto.

Agrício Costa, atualmente com 30 anos, conheceu o projeto aos nove anos, quando sua mãe o matriculou no Núcleo de Apoio à Criança e ao Adolescente, no Jardim

Antônio Marincek. Aluno do Toque durante dez anos, Agrício se tornou músico, produtor e também é fundador do grupo sambista chamado Samba de Opinião.

Outro personagem que começou sua carreira por meio do projeto, foi Ney Souza. Ele é pedagogo, arte-educador e agente cultural. Conheceu Deva Mille e o Toque de Lata num projeto musical chamado Bambáfrika e gostou tanto que resolveu se aprofundar no estudo da percussão e como utilizar esse recurso no ensino. Durante os cinco anos que ficou no grupo, Ney encontrou na arte uma maneira para expandir seus conhecimentos como educador.

Usados como percussão e ferramenta de ensino, os tambores também carregam sua ancestralidade africana, tecnologia e conhecimentos deixados pelos descendentes de africanos no Brasil. Esse contato histórico também é importante para os alunos negros acessarem suas ancestralidades, sua origem.

Ney Souza, atualmente, é membro da Associação Cultural Laboratuque e desenvolve seu trabalho como arte-educador no Ponto Cultura de Jovens Pesquisadores em Pradópolis, onde reside, atuando com música e arte como ferramentas de ensino.

Atuando diretamente nas comunidades, o Laboratuque gera oportunidades e caminhos para o conhecimento, o reconhecimento social com diálogo e sintonia através da música. Neste momento de pandemia, a equipe do Laboratuque está oferecendo aulas online e aguardam para dar o próximo passo, o Festival Cultural Laboratuque que tem como proposta apresentar bandas e oferecer oficinas musicais.



Deva Mille inspira e forma músicos na região

O MORRO DOS MOMENTOS INESQUECÍVEIS

CIDADE DAS CRIANÇAS PERMANECE VIVA NA LEMBRANÇA D SEUS ANTIGOS FREQUENTADORES



Frases estimulavam respeito à criança

MATHEUS MILETTA

O morro do Cipó abrigou por 17 anos a “Cidade das Crianças”, espaço de lazer famoso na época. O parque de diversões funcionou até meados de 1980, porém os moradores do Jardim Anhanguera, Jardim Zara e Palmares carregam lembranças até hoje. Localizado na zona leste de Ribeirão Preto, o local foi umas das principais atividades turísticas da cidade. Hoje, se encontra tomado pelo mato, com árvores caídas, entulho, lixo e animais peçonhentos.

O parque ocupava mais de 17 mil m² e possuía teleférico, roda gigante, casa dos espelhos, casas dos horrores e muitas outras atrações. Os vizinhos dizem que parecia com uma pequena cidade e que um ambiente como aquele não se encontra em lugar nenhum hoje em dia. Possuía uma grande praça de alimentação com valores populares. “Na época, minha amiga era gerente da conta da falecida Cloritides Ferlim, fundadora e proprietária do parque, então eu conseguia ingressos de graça e ia sempre aos finais de semana”, conta Fátima Dorancezi.

As famílias passavam um dia de aventura no parque. “Aos domingos tinha palco de shows e celebridades da época sempre eram convidadas para cantar. Vivía lotado”, relembra Fátima. O parque possuía um teleférico que era um dos brinquedos preferidos das crianças.

Os donos do parque moravam no próprio local em uma casa diferente. “Tinha até piscina que eu achava o máximo na época”. O parque ocupava parte dos bairros Jardim Zara, Jardim Anhanguera e Palmares, que ainda não existiam completamente.

“Quando me casei, em 1985, o parque já não existia mais”, diz Fátima. Os brinquedos foram vendidos para outro parque da região e uma pequena parte ficou para Wilson Ferlim, filho da fun-

dadora Cloritides. Com esses brinquedos que restaram, Ferlim montou outro parque menor, localizado em um terreno atrás do atual supermercado Açai, da avenida 13 de Maio, no Jardim Paulista. A casa pré-fabricada, de madeira, que ficava no morro foi junto para esse novo local. Porém, esse parque, conhecido como parquinho do Mosteiro, também não funciona mais.

SONHO DE UMA GIRL POWER

O Cidade das Crianças teve um início muito simples, mas a dona era sagaz e em alguns anos o empreendimento se desenvolveu. Ilsa Sorde, esposa de Wilson Ferlim, conta que o Cidade da Criança se tornou grande. “Quem cuidava era Cloritides. Ela inclusive abriu um caminho inteiro para o parque, só com uma enxada, para facilitar a entrada dos visitantes”.

O caminho de terra hoje é a rua Elias Dib que liga o Jardim Anhanguera e o Zara. “Tínhamos que estacionar os carros em baixo e subir a pé pela estrada”, explica Fátima. “Na última vez em que estive no morro, logo depois do

meu casamento, já não havia ali mais nenhum brinquedo”

Com a morte da fundadora Cloritides e o aumento do imposto do local, seu filho, Wilson Ferlim, hoje com 84 anos, resolveu fechar a Cidade. Com alguns brinquedos que conseguiu preservar criou o Parque do Funga, no Jardim Paulista, onde realizava os shows do Palhaço Funga-Funga. Ilsa conta que a área no Morro do Cipó foi comprada por um famoso dentista da época, que acabou vendendo para outro proprietário.

Atualmente, o terreno da antiga Cidade das Crianças pertence hoje ao município, sendo classificado como área verde, área institucional e área patrimonial. Alvo de várias ideias e projetos da Prefeitura que não saíram do papel, porém permanece abandonado. O primeiro projeto foi a de um cemitério vertical público que acabou não indo adiante por conta da falta de verbas da prefeitura. Depois surgiu a proposta de transformar o local em um parque de lazer para os moradores do bairro, que também não deu certo.

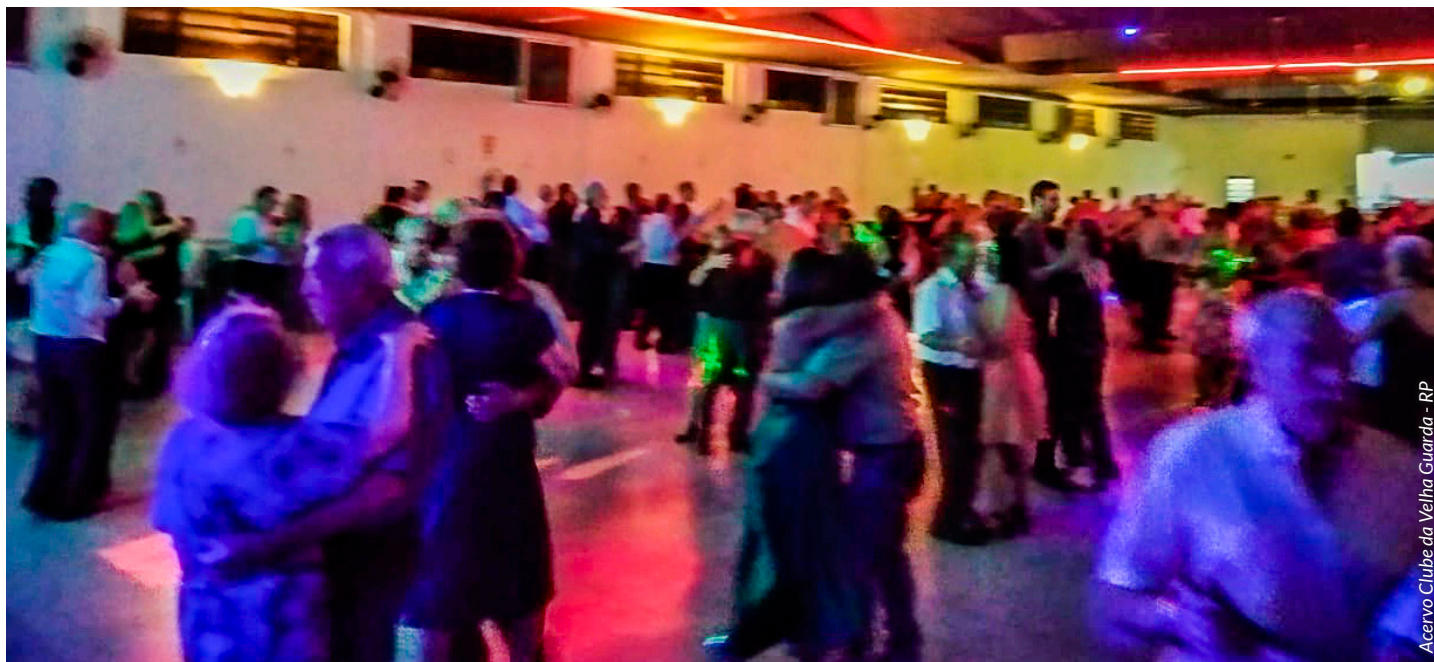
O morro que poderia ser um dos locais históricos e turísticos de Ribeirão Preto acabou sendo ocupado por usuários de drogas e é motivo de problemas para a vizinhança por conta da sujeira e dos animais peçonhentos. Ainda assim, durante o período da manhã é possível fazer caminhada nas ruas ainda asfaltadas e em caminhos improvisados pelos moradores. Com alguma frequência, pessoas utilizam a área verde, ainda que sem manutenção, como demonstrada na imagem. As ruínas do parque, com escadas que levam a lugar nenhum e construções estranhas e não identificáveis, aguçam a imaginação sobre como teria sido a Cidade das Crianças.



Hoje as escadas não levam a lugar algum

CLUBE DA VELHA GUARDA PODE FECHAR AS PORTAS

NO ANO EM QUE COMPLETA 50 ANOS, A TRADICIONAL ASSOCIAÇÃO VIVE SUA PIOR CRISE EM DECORRÊNCIA DA PANDEMIA



Acervo Clube da Velha Guarda - RP

Salão principal do clube cheio, nas noites dos tradicionais bailes quinzenais

PAULO NASCIMENTO

O histórico Clube da Velha Guarda de Ribeirão Preto, localizado no bairro Nova Ribeirânia, corre o risco de fechar as portas no próximo ano, caso a situação de isolamento social, resultante da pandemia de Covid-19, seja prorrogada por mais tempo. A organização é sustentada financeiramente pelo pagamento das mensalidades dos associados do clube e pelos lucros oriundos dos bailes quinzenais. Essas atividades estão suspensas de acordo com Decreto nº64.881, de 23/3/2020 que determinou quarentena em todos os 645 municípios do estado de São Paulo, de acordo com os critérios do Plano São Paulo.

O decreto mantém suas ações para atividades comerciais e prestação de serviços essenciais, com o objetivo de evitar a proliferação do coronavírus. Dessa forma, o isolamento social por tempo indeterminado impede os tradicionais encontros da população da terceira idade, fato que pode levar à finalização permanente do funcionamento da associação e consequentemente uma alteração na qualidade de vida dos idosos frequentadores.

A SAÚDE DO IDOSO

De acordo com Fernanda Saviani Zeoti, doutora em Psicologia pela USP - Universidade de São Paulo, o encerramento das atividades do clube pode acarretar diversas consequências na saúde mental e na qualidade de vida dos membros e frequentadores da ter-

ceira idade. “Se esse clube encerrar suas atividades, muito provavelmente nós teremos idosos que vão perder a referência, principalmente falando daqueles que têm como seu único lazer, prazer e convívio social, exatamente o clube.” Segundo a psicóloga, isso afeta psicologicamente a vida do idoso.

Outro agravante é que ao perder o convívio social os mais velhos têm uma aceleração no processo de adoecimento mental, com o surgimento de depressão. Fernanda ainda afirma que a terceira idade, por si, já apresenta uma condição geral que afeta de maneira importante a vida, como as questões das perdas neurológicas, motoras, auditivas e visuais. “Há perdas físicas de uma maneira geral e também perdas psicológicas e sociais. Participar de um grupo de convívio social é algo extremamente importante para a pessoa idosa.”

Paulo Kokuday, 77 anos, é sócio do clube há 25 anos e afirma que a suspensão e o possível encerramento das atividades do clube durante a pandemia o deixou “muito chateado”. Segundo ele, o clube “é um ambiente sadio, muito bem preparado, com pessoas idôneas” e afirma que “para nós que já temos uma certa idade, o clube é um bom negócio”.

HISTÓRIA

Fundado em 3 de abril de 1970, o Clube da Velha Guarda de Ribeirão Preto completa 50 anos neste 2020, exatamente no meio da maior crise sanitária do século 21. Ao longo de sua existência, o Velha Guarda sido um dos principais pontos de encontro e diversão para a

população idosa de Ribeirão Preto, e até mesmo da região, com bailes quinzenais, muita dança e grupos musicais de qualidade de todo estado de São Paulo. Segundo os frequentadores, o diferencial é “o ambiente familiar, as amizades e sentir-se em casa”.

Em 2017, o clube passou por algumas dificuldades financeiras resultante de uma queda na quantidade de associados, que contava com 900 associados e na época operava com apenas 150 sócios. A crise “foi superada com muito esforço” de acordo com Valdir Parizi, presidente da Associação. Parizi explica que diferente de outros estabelecimentos semelhantes, de outras cidades da região, o clube da Velha Guarda não recebe auxílio financeiro da prefeitura de Ribeirão Preto. A entidade é independente e mantida somente com a contribuição dos associados, os tradicionais bailes e da locação do salão para eventos externos. A diretoria tenta também, há vários meses um auxílio financeiro da Secretaria da Cultura, que até a data de publicação desta matéria não foi concedido.

Para angariar recursos, durante a ausência dos bailes, o clube tem feito rifas, pizzas e almoços beneficentes. Segundo o diretor social do estabelecimento, Marco Antônio de Souza, conhecido como “Marquinho”, a entidade também aceita doações e qualquer ajuda é bem-vinda.

C.B.N. FORTALECE A CENA DO SKATE EM RIBEIRÃO

TERRENO ABANDONADO RECEBE MELHORIAS E SKATISTAS O TRANSFORMAM NUM ESPAÇO PÚBLICO DE LAZER

LARISSA FERNANDES

Um dos diferenciais do bairro Castelo Branco Novo é a existência da CBN Skate Spot, um espaço público que chama atenção, tanto por contar com a presença de crianças, jovens, skatistas, moradores do bairro e até pessoas de longe, quanto por possuir uma estrutura ideal para prática do skateboarding e proporcionar momentos de recreação para a comunidade. O local que até 2012 estava abandonado pelo poder público, foi restaurado por jovens que tomaram a iniciativa de se unir para dar vida àquele lugar, que já era considerado de risco pela população local por não possuir iluminação e ser ermo.

Um dos responsáveis pela transformação da pista na época foi Sérgio Pacífico, mais conhecido como Mortal, que diz ter aproveitado a oportunidade que surgiu. “A cena do skate estava desaparecida em Ribeirão, fazia uns três anos que não se via mais. Daí surgiu a possibilidade de fazer alguma coisa ali e a vontade de andar de skate, principalmente na parte do street”. Mortal conta que a prefeitura deu início a uma reforma, mas não havia iluminação e o mato era bem alto. “Foi aí que eu tive ideia de chamar alguns amigos e criamos o projeto Fazendo Acontecer, onde nós mesmos fizemos aquilo acontecer para poder andar de skate”

A partir disso, o skatista, que também é proprietário de uma loja de material para prática de skate, investiu seu próprio dinheiro para fazer os primeiros passos da restauração. Aos poucos, as mudanças começaram a aparecer. “Cortamos o mato, plantamos árvores, frutas, colocamos energia, ponto de água e iluminação. Com o passar do tempo, os skatistas começaram a frequentar ali, realizando campeonatos e eventos que rendiam dinheiro que era usado para realizar as melhorias no espaço, junto com as ações da minha loja.”

Maurício Kaan, skatista e frequentador da pista desde 2013, conta que também acompanhou tudo desde o início. “A CBN não existia, era uma zona morta. Não tinha árvores, grama cortada, horta e nem a presença de pessoas”. Segundo ele, se não tivessem sido feitas as melhorias, o lugar ia ficar abandonado, virar ponto de droga e não ia ter incentivo para a prática do esporte. “No começo foi difícil movimentar, mas fomos conseguindo novos contatos e parcerias, fizeram grafites, chamamos skatistas de outras cidades para eventos e reuniões, até festa juni-



Rampa de skate CBN tem grafites feitos no local

na tem e tudo isso sem ajuda de órgãos públicos”, conta Kaan.

IMPULSO PARA OUTROS BAIRROS

Com as melhorias sendo realizadas, faltava uma organização que pudesse dar voz à CBN junto à prefeitura. Por esse motivo, foi criada a Associação Desportiva Cultural dos Skatistas de Ribeirão Preto, cuja sede fica ali mesmo, no espaço, ao lado da rampa de skate. Sérgio Pacífico explica que a movimentação impulsionou outros bairros. “O pessoal da zona norte construiu a RSP, que era uma quadra abandonada no Quintino e também passou por uma transformação a partir do nosso projeto. Outros lugares também foram se movimentando através da união dos skatistas”

Os eventos e campeonatos que aconteciam até antes da pandemia foram evoluindo e impulsionaram a cena do skate na cidade. “Passamos a ter mais rotatividade com profissionais famosos e conseguimos uma voz mais ativa com a prefeitura, que não atrapalhou a realização da nossa estrutura” diz Pacífico.

O profissional também ressalta que apesar das benfeitorias conquistadas pela coletividade dos skatistas, um dos problemas que ainda precisa ser solucionado é a documentação do local como uma área de recreação e uso para o esporte. “Não existe ajuda de um terceiro setor e nem existe uma documentação que decreta o uso desse espaço como um patrimônio.”

Os frequentadores da CBN Skate Spot dizem que comparada a outros locais públicos para a prática do skate, é o

lugar mais aberto e integrado com a sociedade. Mortal define a pista como um local para socializar, andar de bicicleta, sentar-se, onde a criança pode brincar. “Temos frutas e árvores nativas, é um ambiente diferenciado porque tem tudo para lazer e a ideia é que tenha cada vez mais.”

CUIDADOS E PRESERVAÇÃO

Uma das pessoas que está sempre presente e zelando pelo espaço é o Rodrigo Silva, mais conhecido como Coruja. Skatista à 21 anos, mora no Parque Bandeirantes, um dos bairros ao lado do Castelo Branco Novo, motivo que facilitou sua escolha pela CBN, onde frequenta fielmente quase todos os dias. “Desde sempre fazemos algo pelo Skateboarding em Ribeirão Preto, independente de como era e de onde era, como moro ao lado da pista, escolhi ela para andar de skate e também cuidar, para preservar o lugar que conquistamos e damos valor, uma vida dada ao espaço público”

Coruja explica que nem mesmo os moradores locais não se preocupam tanto com os cuidados diários que ele e os skatistas fazem “Nós fazemos o recolhimento do lixo, cuidamos das árvores frutíferas, pintamos, tapamos os buracos, preservamos a horta. Serviços a se fazer por lá é o que não falta, a população gosta de cobrar mas fazer algo sem ganhar é para poucos, tudo para tornar o ambiente agradável e usufruído pela sociedade” finaliza.

PATRIMÔNIO DOS CAMPOS ELÍSEOS

IPANEMA CLUBE MARCOU ÉPOCA NO BAIRRO E ATÉ HOJE ATRAI ASSOCIADOS APAIXONADOS PELO CLUBE



Cárla Covas

Ipanema Clube: espaço pensado para o lazer e diversão das famílias

CÁRILA COVAS

Idealizado a partir do conceito de edificar uma associação esportiva no coração do tradicional bairro dos Campos Elíseos, em Ribeirão Preto, o Ipanema Clube foi fundado em 19 de dezembro de 1965.

Ao ser criado, o clube era a maior entidade no ramo do lazer social e esportivo da cidade, com mais de 36 mil associados e quase 10 mil títulos. O nome foi escolhido como homenagem à praia do mesmo nome no Rio de Janeiro.

Foram definidas as cores azul e branco para a bandeira e o símbolo também foi rapidamente definido: uma foca. O projeto vencedor foi da autoria de Homilton Marincek, fundador do Ipanema.

A princípio a área era de 9.131 metros quadrados, o que favoreceu a construção de muitos ambientes, como por exemplo o conjunto aquático formado por quatro piscinas, a primeira obra inaugurada no “Foca Azul”. A festa de inauguração, com a presença de autoridades, foi no dia 15 de novembro de 1967.

Depois, vieram obras como o Parque Infantil, localizado próximo à entrada social do clube, o solário ao lado da piscina, campos de futebol e lanchonetes. Um dos destaques entre as instalações foi a piscina olímpica medindo 25m por 50m.

O clube sempre teve o dever de promover o lazer e a socialização e realizou em 1973 o primeiro baile de gala. O evento inaugurou o salão social, que foi palco durante uma semana de festividades com a apresentação do conjunto Demônios da Garoa, tradicional na época.

Há 17 anos, Aparecido Barbosa da Silva, mais conhecido como Molejo, é porteiro no clube e conta sobre a experiência. “Primeiro é meu trabalho, mas tem

um lado especial por estar junto com outras pessoas tão legais. Tenho muitas amizades aqui e é muito gratificante estar no clube”, afirma emocionado.

Aos 44 anos, Anderson Marcos Neves frequenta há anos o clube e hoje se considera até parte do local. “Eu adoro aqui e não mudo por nada, ainda mais por morar perto. Acabo até ajudando o Molejo aqui na portaria”.

À FRENTE

O presidente em exercício é Genivaldo Gomes, nomeado desde 2006. Gomes explica que a paixão pelo Ipanema vem de família. “Há 30 anos eu estou envolvido com o Ipanema. Sou sócio desde criança, meu pai comprou o título e colocou a família toda, e como minha mãe e meu pai moravam perto do Clube, nós frequentamos muito.”

O presidente afirma que com o tempo foi se interessando cada vez mais pelo lugar. “Depois fui convidado para ser diretor de relações públicas, assumi a diretoria social, e depois de 14 anos passei a ser presidente, cargo que exerço até hoje”.

Segundo Gomes, o Ipanema se tornou a extensão do quintal da casa de muitas pessoas, inclusive da dele. “É o quintal para meus netos e filhos. Lá eu formei uma grande família. Você acaba

conhecendo muitas pessoas que sentem o mesmo pelo lugar”.

NOVOS TEMPOS

Ao longo dos anos, foram acontecendo mudanças no perfil dos associados. Para isso, a diretoria se empenha em atrair as novas gerações para esse ambiente de lazer. “Buscamos fazer o melhor para os associados. Além da diretoria, existe um conselho nos ajudando em todos os processos”.

O Ipanema sentiu o impacto da pandemia do novo coronavírus que tiveram as atividades de integração, shows e lazer suspensas temporariamente, mas o presidente Genivaldo Gomes explica que também tiveram boas oportunidades durante esse período. “Aproveitamos a pandemia para reformar o clube, pois o que nos impedia de fazer isso era ter de suspender as atividades no local, inviabilizando para os associados até que tudo ficasse pronto”.

No dia 24 de outubro, o clube foi agraciado com o troféu da 18ª edição do Top of Mind Ribeirão Preto, com o 1º lugar no segmento Clube Social. O prêmio, dedicado às empresas que tiveram as marcas mais lembradas pela população de Ribeirão Preto, é um reconhecimento do jornal Tribuna e da revista Recall, em parceria com a Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (ACIRP).

CAMINHOS ABERTOS

Com embarque previsto para janeiro do próximo ano, rumo a Western Nebraska Community College (WNCC), em Scottsbluff, Nebraska, Juliana V. Alencar de Oliveira, de 19 anos, é jogadora de vôlei e foi no ginásio do Ipanema onde conheceu a modalidade. “Comecei a jogar em 2009 e fiquei no Ipanema por seis anos. Foi um lugar muito importante para a minha trajetória, foi o início do meu sonho, me abriu muitas portas e aprendi coisas que vou levar para toda vida”, recorda.



Um dos destaques do clube da Foca Azul: a piscina olímpica mede 25m por 50m

Cárla Covas